



ATOS
GRUPOS DE COMUNHÃO

**TREINAMENTO
BÁSICO**

Querida(o) irmã(o) em Cristo,

Seja bem vindo a nosso Seminário de LIDERANÇA GRUPO ATOS. Saiba que estamos muito contentes com sua decisão em conhecer mais sobre o discipulado em PG's, e nós estamos aqui para ajudá-lo.

Como consta em nosso site, podemos dizer com alegria que somos uma comunidade que nasceu de um Pequeno Grupo familiar. Não conseguimos precisar a data de nascimento do grupo gerador, mas sabemos que, desde 1998, freqüentávamos grupos pequenos, na época denominados "grupos Wesleyanos".

É fato que nesse tempo de trabalho, os Pequenos Grupos foram sendo remodelados, até que em 2004 chegamos ao nosso primeiro modelo, a quem chamamos Grupo ATOS. Com foco na comunhão, gerados pela Adoração a Deus, Testemunhos, Orações e cuidado com o próximo expressado pela Solidariedade.

Enquanto compilamos esse material, cerca de 20 grupos saldáveis se reúnem semanalmente para cumprir esse papel. Nosso desejo é que esse manual, que não é outra coisa senão um resumo de obras e autores que refletem sobre o tema dos Pequenos grupos, possa ajudar a formar uma nova geração de líderes que acreditam no potencial do PG e vêem no Pequeno Grupo um caminho para a comunhão profunda e o evangelismo por relacionamentos.

Nosso propósito com esse treinamento é levar cada membro da igreja a compreensão do que é o projeto "original" de Deus para sua igreja sobre a face da terra;

Deus o Abençoe, rica e poderosamente.

Pastor Pedro Noia

ORIENTAÇÕES:

1. Antes de ler esta apostila, procure ter um tempo de oração a sós com o Senhor. Peça-O que o faça entender as verdades da Sua Palavra.
2. Marque em sua Bíblia, com um Lápis ou caneta luminosa todos os textos aqui citados, isso o ajudará a encontrá-los em ocasião oportuna.
3. Sempre que não compreender algum tópico, procure esclarecimento com os líderes da Igreja.
4. Lembre-se, a bíblia não é só mais um livro espiritual, ela é a expressão viva da verdade e da vontade de Deus para nossas vidas.
5. É com a ajuda do Espírito Santo de Deus, que vivifica a Palavra em nossos corações, que podemos conhecer um pouco mais a cada dia, as virtudes do nosso Senhor.
6. Persevere, insista, persista em meditar nessas orientações, elas vão fazer toda a diferença nos fundamentos da sua vida espiritual.
7. Memorizar versículos é uma excelente estratégia para que você seja fortalecido em todos os momentos e possa refletir em como a Palavra de Deus é eficaz em seu dia a dia, auxiliando-o a vencer os desafios e a ser testemunho fiel da bondade do nosso Pai Celestial. Durante seu discipulado, você será incentivado a memorizar versículos que se relacionam com o tema que está estudando.

NÃO BASTA LER COM ATENÇÃO... É PRECISO INTENÇÃO !

Sumário

Introdução	5
Sintomas preocupantes	6
1. O Conceito de Pequenos Grupos	8
Movimentos de Pequenos Grupos	8
Os Pequenos Grupos no Antigo Testamento	10
Jesus e seu Pequeno Grupo	12
A Igreja Primitiva em Pequenos Grupos	14
O conceito de Pequenos Grupos	16
2. Capítulo 2 – A visão, os tipos e os valores do PG	18
A visão de Pequenos Grupos	18
Tipos de Pequeno Grupo	20
Os valores do Pequeno Grupo	22
O Suporte dos PG´s	24
3. A Liderança do PG	26
O papel do Líder do PG	27
O Perfil do Líder de PG	31
A composição dos Pequenos Grupos	34
Qual o desenvolvimento do Pequeno Grupo	36
4. O Encontro do Pequeno Grupo	39
O Bom Local	40
Nada de Centralização	42
O Quebra-Gelo	43
Invista em Relacionamentos	45
Louvor e Adoração	45
O Testemunhar	50
A Oração	59
Conselhos para conduzir o Encontro	60
5. Multiplicando o Pequeno Grupo	62
Multiplicar a vida	62
Como multiplicar	65
6. Conclusão	67
Referências	68

Introdução

Este material não pretende ser exaustivo no que se refere ao tema, mas deseja apresentar os principais conceitos e fundamentá-los. É importante discernir que, acima de tudo, o método e a técnica não substituem a união e o amor ao próximo, todavia queremos nos preparar e treinar nossos líderes nos conceitos e na técnica disponível para melhor servir no Reino de Deus

- Fazer cada discípulo compreender seu valor e papel dentro do plano de Deus e tornar-se assim um parceiro para a execução desse projeto universal.
- Desafiar cada discípulo de Jesus e membro da igreja a também discipular, cuidar de outros;
- Se tornar um líder de PG, inicialmente exercendo seu papel dentro de sua própria casa
- Fornecer ferramentas e subsídios para que líderes de PG's realizem com sucesso e eficiência o seu trabalho;
- Garantir o cuidado e acompanhamento de todos os membros da igreja através de muitos apascentadores especialmente treinados com estas finalidades;
- Promover o sacerdócio real e o exercício dos dons por parte de todos os santos.

Que você possa sentir seu coração arder pelo desafio de ser um líder de um PG, porque quando se está reunido, Jesus se manifesta: "Pois onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estou no meio deles" (Mt 18.20).

Sintomas preocupantes

No momento em que nosso envolvimento com a igreja se aprofunda, pode ser que passemos a experimentar um sentimento no mínimo contraditório. Por um lado começamos a entender melhor o que é a igreja na visão das Escrituras, o que a Bíblia diz que a igreja deveria ser. Por outro, vivenciamos a realidade cotidiana da comunidade, o que a igreja de fato é.

Dependendo da igreja na qual congregamos, a diferença entre o que a nossa igreja é e o que a Bíblia diz que a igreja deveria ser pode ser preocupante e em alguns casos assustadora. Ou seja: pode ser que olhemos para algumas igrejas e não vejamos adoração sincera, relacionamentos redimidos baseados em amor, oração profunda, cuidado mútuo e um impulso missionário na direção dos perdidos e aflitos.

A igreja é o povo de Deus, aqueles que Jesus congregou por meio de sua morte e ressurreição. Contudo, como a igreja é a reunião de pecadores redimidos, seres humanos ainda cheios de falhas e imperfeições, vêem que por vezes a comunidade cristã se torna confusa, contraditória, vazia de relacionamentos e excessivamente ritualista e superficial, podendo até mesmo deteriorar em uma dinâmica cheia de hipocrisia, julgamento e finalmente perversão.

Como está a igreja evangélica brasileira de uma forma geral? Quais os traços que vemos tão presentes em nossas comunidades e que representam um alerta para nós? Ed René Kivitz aponta quatro características que norteiam em grande escala a espiritualidade dos evangélicos brasileiros e que são sintomas de que estamos um pouco distantes do padrão bíblico do que significa ser igreja.

A primeira é a visão do clero como aquele que tem e fornece acesso a Deus ao invés do sacerdócio universal. A segunda é a concepção do templo como único lugar sagrado ao invés de compreender que nós, as pessoas que estão em Cristo, somos o templo sagrado do Espírito. A terceira é o culto como a única forma sagrada de relacionar-se com Deus ao invés de ver a vida inteira como uma forma de adorar, louvar e servir ao Criador, com nosso trabalho inclusive. O quarto é o domingo como dia sagrado, ao invés de compreender que todos os dias são dias de servir e honrar o Salvador.

A estas quatro acrescentamos duas características. O profundo individualismo que tem tornado nossas igrejas indiferentes e com relacionamentos completamente superficiais. E a visão de entretenimento, que tem feito os membros compreenderem que a função da igreja é servir seus próprios membros e não a sociedade, os perdidos, os aflitos, os de fora. Esses são sintomas que atestam que a igreja precisa de ajuste vindo do próprio Senhor. Uma das estratégias utilizadas ao longo da história para reverter tais sintomas têm sido redescobrir o que são e como funcionam os chamados pequenos grupos.

1. O Conceito de Pequenos Grupos

Primeiramente, vamos procurar compreender o que é o conceito de Pequenos Grupos, como eles foram sendo modelados e remodelados por diferentes movimentos na história da igreja bem como o que as Escrituras nos dizem a respeito dos Pequenos Grupos.

Movimentos de Pequenos Grupos

Ao longo da história vários líderes cristãos buscaram maneiras de reverter à falta de saúde, maturidade e evangelismo de suas igrejas. Ao longo dos séculos muitos líderes viram nos pequenos grupos uma estratégia eficaz para que pudessem levar a igreja a reencontrar seu caminho como comunidade de Cristo. Enquanto apenas os grandes encontros de domingo eram enfatizados, percebeu-se o enfraquecimento dos relacionamentos e a diminuição do impulso missionário.

Contudo, como veremos mais adiante, os pequenos grupos não foram inventados mas redescobertos ao longo dos séculos em diferentes moldes e enfatizados por movimentos que buscavam recobrar a saúde da igreja.

Já no século XVII, Philip Jacob Spener (1635-1705) iniciou um movimento de pequenos grupos que foi denominado de “reunião piedosa” (*collegia pietatis*). Seu objetivo era consolidar a fé de pessoas já cristãs.

No século XVIII John Wesley também enfatizou a importância dos pequenos grupos visando a comunhão entre os cristãos e o cuidado pastoral sobre eles. Wesley concebeu então o conceito de “classes” lideradas por pessoas idôneas.

No século XX o grande precursor do movimento de pequenos grupos foi David (Paul) Yonggi Cho, pastor da Igreja do Evangelho Pleno, na Coreia. Cho utilizou os “grupos familiares” como parte da estratégia de sua igreja para crescer e disseminou o conceito de pequenos grupos por meio de livros e conferências.

Já Ralph Neighbour implantou nos EUA o ministério TOUCH (Transformando pessoas sob as mãos de Cristo). Neighbour não adicionou a sua igreja um programa de grupos pequenos, mas substituiu completamente a maneira da organização e do governo tradicional pelos pequenos grupos, se tornando uma igreja “em” pequenos grupos (ao invés de “com” pequenos grupos).

Podemos citar ainda os pequenos grupos de Lyman Coleman (EUA), o movimento “igreja em células” de Roberto Lay (Brasil), o movimento G-12 iniciado por César Castelhanos (Colômbia), a Rede Ministerial de Fortaleza (Brasil), o Desenvolvimento Natural da Igreja (EUA), a Associação Mundial de Discípulos (Brasil) e outros movimentos que utilizam os pequenos grupos como sua estratégia principal.

Contudo, devemos ter em mente que esses movimentos desejam na verdade apenas resgatar algo que os cristãos primitivos conheciam bem, como afirma John Stott: “O que mais me chama a atenção na adoração da igreja primitiva é o seu equilíbrio em relação a dois aspectos: a adoração era tanto formal como informal, pois ocorria no templo e nas casas [...] Como complemento dos cultos, havia as reuniões mais informais nas casas, além do culto distintivo dos cristãos, com a celebração da Eucaristia [...] A igreja primitiva praticava os dois tipos de adoração, e nós devemos fazer o mesmo.

Todas as congregações, pequenas e grandes, deveriam dividir-se em pequenos grupos”.

A seguir, vamos ver o conceito de pequenos grupos nas Escrituras.

Os Pequenos Grupos no Antigo Testamento

O conceito de uma comunidade que existe em grande grupo e em pequenos grupos não é algo novo. Na verdade as Sagradas Escrituras trazem narrativas importantes para compreendermos o Pequeno Grupo, suas diversas funções e seu lugar na vida da igreja.

Talvez o primeiro texto das Escrituras nos quais um grande grupo se divide intencionalmente em grupos menores por motivos estratégicos seja o “Caso Jetro”. Essa narrativa está registrada em Êxodo 18 e é certamente a passagem mais citada do Antigo Testamento quando se trata de pequenos grupos.

Esta narrativa nos conta que Jetro, sogro de Moisés, veio visitar seu genro após a saída miraculosa do Egito e a passagem pelo mar. Após os eventos que libertaram Israel do cativeiro egípcio, Moisés se tornou de fato o líder daquela nação e dentre seus encargos dois se tornaram os principais: instruir o povo acerca da lei de Deus e julgar as causas que surgiam no meio do povo.

Jetro viu que Moisés estava sobrecarregado e o povo estava sendo penalizado por essa excessiva centralização. Então Jetro aconselhou Moisés a descentralizar o poder judicial que estava em suas mãos escolhendo homens que liderassem dez, cinquenta, cem e mil pessoas, formando várias instâncias.

Comentando essa decisão estratégica, Chiavenato afirma que por meio dela Israel deu um salto administrativo e adquiriu uma clara e definida estrutura hierárquica. De fato, na perspectiva de Jetro haveria

menos causas chegando a Moisés e o mesmo poderia se dedicar mais intensamente a seu papel como profeta para a nação (v.19,20).

Um elemento essencial nesta narrativa é que Jetro deixa claro a Moisés que esse sistema piramidal de delegação só funcionaria se houvesse integridade ética na vida dos líderes escolhidos. Caso contrário, a delegação não funcionaria e o projeto seria um desastre. Os líderes deveriam ser capazes, ou seja, capacidade de realizar julgamentos nos casos que lhes seriam trazidos. Os líderes deveriam ser pessoas tementes a Deus. Os líderes deveriam ser homens confiáveis. Os líderes deveriam ser financeiramente incorruptíveis. Capacidade, espiritualidade e caráter (“caráter” sintetiza a confiabilidade e a incorruptibilidade necessárias ao líder).

A partir do caso Jetro podemos compreender alguns aspectos importantes do Pequeno Grupo. Primeiro, o pequeno grupo ocupa um lugar estratégico na vida das comunidades, pois possibilita atender a demandas que não seriam atendidas se não houvesse vários líderes compartilhando as responsabilidades e gerar oportunidades valiosas de treinamento de novos líderes e do uso dos dons. Segundo, um fator crítico para o pequeno grupo é a sua concepção estrutural, ou seja, como o mesmo será organizado em sua estruturação. Terceiro, outro fator crítico para o pequeno grupo são os líderes. Kornfield chega a dizer que 50% do sucesso do pequeno grupo depende do processo de seleção dos líderes. A seleção, capacitação e contínuo acompanhamento dos líderes de pequenos grupos dentro da estrutura dos mesmos é talvez um dos aspectos mais enfatizados pelos teóricos e práticos de pequenos grupos.

A seguir, vamos ver como o Senhor Jesus e a igreja viveram os pequenos grupos.

Jesus e seu Pequeno Grupo

Se no Antigo Testamento o texto mais marcante a respeito de um grupo grande que se articula em pequenos grupos é a narrativa do conselho de Jetro, no Novo Testamento não poderíamos deixar de nos maravilhar com a maneira como Jesus utilizou o conceito de pequeno grupo de maneira central no seu ministério.

Intuitivamente, poderíamos esperar que logo após ser batizado e publicar seu ministério, Jesus procuraria impactar o maior número de pessoas por meio de demonstrações públicas de poder e ensino em massa. Assim, ele poderia alcançar o maior número de pessoas no menor tempo possível e aumentar seu impacto. Correto? Errado.

Jesus sabia que sua missão não era somente tornar populares seus conceitos e ensinamentos, mas era expandir o Reino de Deus e a única maneira de fazer isso seria gerar sua própria vida em seus seguidores. Por isso Jesus escolheu o discipulado como a metáfora dominante de seu ministério. Jesus poderia chamar aqueles que o seguiam de soldados, liderados, servos e até mesmo fiéis. Contudo, Jesus preferiu chamá-los de aprendizes.

Como Dallas Willard destaca em seu excelente livro “Conspiração Divina”, ser discípulo é ser um aluno, um aprendiz prático e não um mero expectador. Na antiguidade não havia escolas formais como hoje e o conhecimento era passado através de um vínculo de aprendizado entre o professor e o aluno onde a sala de aula era o mundo e o conteúdo da matéria era a própria vida. Jesus fez discípulos e durante seu tempo de caminhada com esses homens o Senhor lhes ensinou mais do que informações a respeito do Reino de Deus: ele os ensinou a serem a própria presença do Reino de Deus.

Ser um discípulo de Jesus é ser transformado para pensar, sentir e agir da maneira que o próprio Senhor pensa, sente e age, de tal maneira que a minha vida seja a presença do Reino de Deus entre as pessoas que estão à minha volta.

C.S Lewis expressa isso de maneira fantástica: “O verdadeiro Filho de Deus está ao seu lado. Ele está começando a transformar você em algo semelhante a ele. Está começando, por assim dizer, a "injetar" seu tipo de vida e pensamento, sua zoé, em você; está começando a transformar o soldadinho de chumbo num homem vivo. A parte de você que não gosta disso é a parte que ainda é feita de chumbo”.

E como Jesus tornou seu discipulado efetivo e transformador? Jesus utilizou o modelo de pequenos grupos. Jesus chamou intencionalmente pessoas para aprender a viver como cidadãos do Reino (Mt 4.18-20) e mais tarde, quando um grande número de pessoas o seguia, Jesus concentrou suas atenções, ensino e relacionamento em doze homens, os apóstolos (Mt 10.1-4). Jesus utilizou o pequeno grupo como elemento transformador da vida daquelas pessoas por meio de um relacionamento íntimo, ensino aplicada as suas necessidades e contextualizado a sua linguagem e compreensão. Eles não possuíam uma mera relação de aprendizado com Jesus, mas eram seus amigos (Jo 15.11-15), eram a sua família (Mt 12.46-50). Jesus nos ensina que por meio dos relacionamentos íntimos do pequeno grupo as pessoas aprendem a viver como cidadãos do Reino, sendo uma estratégia efetiva para o discipulado, amadurecimento e apoio mútuo.

Neste aspecto o pequeno grupo é tanto um ambiente no qual há um compartilhamento da liderança por meio da delegação e descentralização (Jetro), quanto há um meio que possibilita relacionamentos mais francos, íntimos, amorosos e transformadores.

A Igreja Primitiva em Pequenos Grupos

Jesus trouxe para o centro de seu ministério os pequenos grupos, utilizando esta estratégia de maneira muito eficaz no discipulado. Os apóstolos compreenderam a importância dos pequenos grupos, de maneira que na igreja primitiva os cristãos exerceram tanto a prática de encontros em grande grupo como em pequenos grupos.

No livro de Atos, o narrador nos dá uma breve pintura panorâmica a respeito de como a Igreja Primitiva estava se desenvolvendo em Atos 2.42-47. Este é o primeiro de três “resumos” da vida da igreja que Lucas faz em Atos (1.42-47; 4.32-25; 5.12-16) e descreve aproximadamente os três primeiros anos da vida da igreja em Jerusalém. Neste texto tão conhecido, vemos que os primeiros cristãos se encontravam no templo em grande grupo, como era próprio dos judeus que iam ao templo cultuar ao Senhor, fazer suas orações e ler as Escrituras. Neste momento, a igreja ainda desfrutava de um ambiente pacífico e as perseguições ainda não haviam iniciado. Dessa forma, os cristãos iam ao templo como os judeus o faziam e ali adoravam a Jesus e celebravam coletivamente sua fé.

No entanto, além de se encontrarem no templo, celebravam também a fé cristã nos lares dos que criam. Em pequenos grupos, de maneira íntima e alegre, esses irmãos se reuniam regularmente nas casas para comerem juntos com a mesma constância que iam ao templo em grande grupo. O narrador afirma que os discípulos de Jesus faziam este movimento do grande para o pequeno grupo e vice-versa todos os dias, uma vez que a expressão “*todos os dias*” se aplica a toda a sentença do versículo 46, segundo Richard N. Longenecker, e não apenas a primeira parte do versículo conforme a sugestão da NVI.

A respeito do equilíbrio que havia entre estes encontros de grande e pequeno grupo, é importante relembrar a citação de John Stott quando o mesmo afirma que havia um grande “equilíbrio em relação a dois aspectos: a adoração era tanto formal como informal, pois ocorria no templo e nas casas [...] Como complemento dos cultos, havia as reuniões mais informais nas casas, além do culto distintivo dos cristãos, com a celebração da Eucaristia [...] A igreja primitiva praticava os dois tipos de adoração, e nós devemos fazer o mesmo. Todas as congregações, pequenas e grandes, deveriam dividir-se em pequenos grupos”.

E como eram essas reuniões em pequenos grupos? O texto nos informa no início sobre as atividades gerais da igreja e provavelmente elas se aplicam também ao que acontecia na reuniões nos lares: ensino, comunhão, partir do pão e orações. Cruz e Ramos afirmam que “na igreja primitiva, também o ensino sobre o reino de Deus aconteceu com maior ênfase em grupos pequenos”. Além do ensino, “um dos elementos indispensáveis nas reuniões caseiras dos primeiros cristãos era a oração”.

Esse ambiente certamente fez florescer relacionamentos profundos e transformadores, de maneira que também “foi nos lares, em pequenos grupos, que os primeiros cristãos vivenciaram, enfaticamente, uma genuína comunhão”. Ensino relevante e aplicado, uma experiência de relacionamentos profundos e transformadores, comer juntos a mesa e uma cultura de intercessão uns pelos outros. Dessa maneira a igreja se apropriou do estilo de vida de Jesus em pequenos grupos.

O conceito de Pequenos Grupos

Após o período da igreja primitiva vieram uma série de ondas de perseguição aos cristãos e durante esse período o formato dominante dos encontros dos cristãos foi em pequenos grupos nos lares, tendo em vista os perigos que envolviam o culto comunitário público em grande grupo.

Contudo, após o Edito de Milão sancionado por Constantino o cristianismo deixou de ser uma religião proibida e dentro em pouco tempo alcançaria o status de religião dominante na Europa, norte da África e Oriente Médio. Aparentemente o conceito da igreja em pequenos grupos foi sendo colocado de lado e cada vez mais a religiosidade medieval se apegava ao templo como o lugar sagrado, o clero como o mediador dessa relação e o culto dominical como forma definitiva de adoração ao Eterno.

Apenas no período da Reforma, com Spener, Wesley e outros o conceito de pequeno grupo ressurgiu com vigor renovado e a partir de então os pequenos grupos migraram para outras diversas áreas de estudo e aplicação, da administração a sociologia.

É bom lembrarmos que atualmente a igreja cristã não é a única que está promovendo reflexões, artigos, livros e debates sobre o papel do pequeno grupo na construção social. Na última década sociólogos, psicólogos, administradores, estrategistas, líderes corporativos e acadêmicos nas mais diversas áreas estão com os seus olhares voltados para o pequeno grupo e alguns trabalhos têm lançado luz sobre este conceito.

Os pequenos grupos tem sido motivo de interesse nas mais diversas áreas por que “pequenos grupos provêm níveis de intimidade e suporte emocional que gerações passadas tinham em suas famílias,

vizinhos e 'tribos'. Como a sociedade americana se torna cada vez mais instável e sem raízes, pequenos grupos provêm um senso de comunidade e permitem mobilidade uma vez que os pequenos grupos estão disponíveis ao longo da cidade”.

Cruz e Ramos ressaltam que “os pequenos grupos, segundo os sociólogos e psicólogos sociais, por viabilizarem relacionamentos mais próximos, são facilitadores das redes de comunhão, interação e comunicação entre os participantes, permitindo maior funcionalidade e uma dinâmica mais eficaz e criadora em suas atividades”.

Logo podemos definir pequeno grupo como “uma modalidade de grupo que congrega uma pequena quantidade de pessoas, tendo como motivação um objetivo comum a seus participantes. Além da busca de um objetivo comum, existem outras características que definem um grupo como tal, a saber: a interação entre os membros, o dinamismo específico de cada grupo e a comunhão”.

Neste sentido, não precisamos ignorar os avanços e descobertas que os mais diversos pesquisadores, cristãos e não cristãos, tem feito no sentido de desvendar os mecanismos de comunicação e cuidado envolvidos no pequeno grupo. No entanto, precisamos nos lembrar que o fato de que a igreja deve buscar construir relacionamentos mais íntimos, profundos e amorosos por meio dos pequenos grupos é a essência que não podemos perder de vista. A maneira como vamos fazer isso, o método, é apenas um meio. Neste preciso momento é muito relevante nos lembrarmos qual é a diferença entre a fonte e o cano.

2. A visão, os tipos e valores do PG

Para compreender melhor o modelo do Pequeno Grupo que vamos utilizar, vamos dar uma olhada na visão dos Pequenos Grupos, os tipos de Pequenos Grupos que existem e quais são os valores que norteiam as práticas do PG.

A visão de Pequenos Grupos

As igrejas geralmente enfrentam crises devido ao fato de que há uma falta de clareza a respeito da razão de existir de alguns ministérios e trabalhos desenvolvidos na vida da comunidade. Muitas vezes os líderes adotam determinados modelos e métodos embalados pela moda do que está dando certo no momento e isso pode incluir até mesmo os pequenos grupos.

John Atkinson toca neste ponto específico ao afirmar:

“Penso que um dos maiores problemas que eu vejo com ministérios de pequenos grupos que falham é que não há uma visão. Não há resposta para a questão “Por que temos pequenos grupos?”. Um grande número de ministérios de pequenos grupos existem por que as igrejas pensam “Bem, nós supostamente devemos ter pequenos grupos”

Logo, devemos ser capazes de responder a questão: “Por que grupos pequenos existem? Qual sua finalidade?”.

Ao responder esta pergunta moldamos uma visão para os pequenos grupos. Uma breve consulta na literatura sobre liderança cristã vai nos abrir os olhos para uma série de termos que parecem ser diferentes mas apontam para a mesma realidade: visão, visão teológica,

filosofia de ministério, missão, propósito, entre outros, são termos que apontam para uma direção muito semelhante.

A visão é algo mais prático do que uma definição teológica e é algo menos pragmático do que um programa de metas e objetivos, de maneira a formar uma ponte entre a teologia e a prática, uma espécie de middleware, nas palavras de Tim Keller.

Donahue nos lembra que “a visão é o retrato do futuro preferível – o que você quer se tornar. Ela deve ser inspiradora e estimular a ação, algo em torno do qual seu grupo deve se unir”.

Uma visão para pequenos grupos deve emergir das Escrituras e explicar de maneira clara e objetiva qual a razão de ser do pequeno grupo, por que as pessoas deveriam participar dele, qual a missão do pequeno grupo e como faremos para cumpri-la. A articulação da visão deve ir então das Escrituras para um modelo, para uma aplicação na vida da igreja.

O Criador nos criou como seres de relacionamentos e nos entregou quatro relacionamentos perfeitos: nossa relação com o Eterno, nossa relação conosco mesmos, nossa relação com o outro e nossa relação com o meio. Mas a queda acabou corrompendo essas relações, ou seja, “houve uma [desconexão] em quatro aspectos da vida do ser humano. O homem se [desconectou] de Deus, dos seus semelhantes, da natureza e de si mesmo”. Mas em Cristo fomos reconectados ao Pai, ao outro, a nós mesmos e ao meio.

Enquanto o encontro de grande grupo enfatiza a adoração e o ensino, o pequeno grupo é uma estrutura complementar que possui os mesmos elementos do grande grupo, contudo sua ênfase está na comunhão entre os cristãos, no relacionamento com o outro e no evangelismo pessoal.

Podemos articular uma visão de pequenos grupos da seguinte maneira:

O pequeno grupo é um grupo de 5 a 10 pessoas que se encontra semanalmente com ênfase nos relacionamentos em um ambiente informal no qual adoramos o Eterno, compartilhamos sobre a sua Palavra e sobre a nossa vida, cuidamos uns dos outros, desenvolvemos e utilizamos nossos dons, oramos uns pelos outros, compartilhamos o Evangelho com os de fora, desenvolvemos amizades e crescemos juntos como discípulos.

A visão deixa claro que o foco do pequeno grupo está nos relacionamentos: nosso relacionamento com Deus e com o outro. O objetivo do PG é conectar: conectar-nos com Deus, conectar com o outro e conectar pessoas ao Evangelho através do evangelismo por meio de relacionamentos.

Obviamente o molde do PG coloca uma grande ênfase na comunhão, de maneira que tudo que o pequeno grupo faz, de estudar a Bíblia a evangelizar, é feito por meio dos relacionamentos interpessoais. Valores como compartilhar/ouvir, cuidar, aceitar e amar devem ser vividos intensamente para que o grupo alcance seus objetivos. Logo, definir e esclarecer os objetivos do pequeno grupo é um dos itens importantes da visão.

Tipos de Pequeno Grupo

Os pequenos grupos podem assumir diferentes formatos e características dependendo do objetivo pelo qual o PG se reúne. Como afirmam Cruz e Ramos, “tais grupos são definidos em função de seu objetivo”. Ainda segundo os mesmos autores “é indispensável que os

objetivos grupais estejam estreitamente relacionados com os interesses e necessidades dos membros, sendo essa a base para a formulação de seus objetivos”.

Dessa forma, os objetivos do PG acabam determinando seu método e seu funcionamento. Como existem diversos formatos de Pequenos Grupos utilizados por diferentes movimentos, é importante compreender os diferentes tipos de Pequeno Grupo. Geralmente cada movimento enfatiza um aspecto do Pequeno Grupo que acaba determinando seu DNA. Alguns enfatizam o pastoreio dos membros da igreja, outros enfatizam o evangelismo, outros enfatizam o cuidado e ainda outros enfatizam a multiplicação dos grupos.

Em nossa igreja temos o Grupo ATOS, que inicialmente tinha um foco principal na comunhão entre os membros. Na havia número mínimo ou máximo de participantes, limitados apenas ao local onde se reúnem. Esses grupos se reuniam para construir amizades, incluir recém-chegados e proporcionar um momento a mais na semana para adoração a Deus fora das 4 paredes da Igreja. As reuniões, geralmente extrapolavam os 80 minutos e ficava a cargo dos Facilitadores o estabelecer desses limites. Esses grupos eram aninhados por afinidades e interesses dos membros. Ex: Jovens, Casados, Solteiros, Levitas, Obreiros, etc.

Hoje, enriquecemos os propósitos do Grupo ATOS, que além de manter dos fortes laços de amizade, estamos mais focados no evangelismo e no discipulado de novos cristãos. Por conta desse cuidado no discipulado a novos irmãos, o grupo é limitado a 10-15 participantes, além do Facilitador e seu auxiliar e por isso tem multiplicação automática quando atinge esse número de membros. As reuniões não extrapolam os 80 minutos, visto que, não crentes tem dificuldades para suportar mais do que esse tempo. Sua formação é

mista e híbrida, absorvendo tanto solteiros quanto casados, jovens ou idosos etc.

Queremos conectar as pessoas com Deus, conectar os irmãos uns aos outros e conectar o não cristão ao Evangelho.

Os valores do Pequeno Grupo

Já vimos que de forma geral, os grupos familiares realizam uma reunião semanal nos lares, onde algumas pessoas se juntam para adorar a Deus, buscar uma vida de comunhão, edificar sua fé através do estudo bíblico, evangelizar pessoas ainda não alcançadas e compartilhar suas necessidades.

Não devemos nos esquecer que o fundamento do PG é o desejo de ter relacionamento pessoal com o Pai por meio de Cristo, pois se esse norte for perdido o PG poderá desfocar e se tornar um encontro social, um grupo de desabafo, etc. Se o Senhor for o centro, então tudo mais que ocorre no PG aprofundará o relacionamento das pessoas com Cristo, trazendo crescimento espiritual. Bill Donahue enfatiza que

“como um líder de grupo, não se pode causar crescimento espiritual, mas pode-se criar um ambiente que promova e facilite este evento. Este é o motivo de enfatizarmos a utilização da Palavra de Deus, o ensino da oração, a compreensão da ação do Espírito Santo e a formação de relacionamentos autênticos e duradouros no contexto do grupo”.

Outro importante valor é a ênfase na comunhão, nos relacionamentos interpessoais: “a igreja necessita de uma nova

estrutura de vida congregacional que viabilize encontros genuínos entre pessoas, despidas de suas máscaras e desconfianças, num ambiente em que os relacionamentos interpessoais se dão no nível da verdadeira humanidade de Cristo”.

Kornfield e Araújo lembram que “hoje, especialmente nas grandes cidades de nosso país, não existe mais comunidade. Se a igreja não despertar para essa realidade e instituir a Segunda Reforma (quanto a eclesiologia), terá dificuldade em ser uma comunidade de amor onde Deus se manifesta”.

A informalidade também é um valor importante nos PG’s. “As reuniões são informais, onde todos se conhecem pelo nome. Todos são encorajados a participar e as necessidades de cada um são importantes como base para oração e ajuda”.

Diferentemente de uma pregação-ensino para um grande grupo, o estudo bíblico em contexto de pequeno grupo tem por objetivo não somente compartilhar a verdade das Escrituras, mas também estimular a troca de experiências e abordar questões relevantes a seus integrantes”.

O cuidado com o outro deve refletir o “cuidar uns dos outros” como sinal da vivência do Evangelho entre os membros do grupo. Como afirma com muita propriedade Sampaio, “o amor sem o cuidado não se sustenta, e a permanência do cuidado e sua perseverança só é possível por causa do outro que acolhe, cuida, se compromete, se preocupa e ama”.

E para finalizar a lista de valores, inclusão de todos deve ser vencer a tendência de resistir a pessoas que desejam se achar e a proeminência de um ou outro indivíduo carismático do grupo.

Servir é o verbo que está no epicentro da vivência cristã, este foi o estilo de vida de Jesus e nós não poderíamos pensar e viver de diferente maneira.

Silva assevera que “muitos encaram a igreja como uma prestadora de serviços espirituais, na qual podem buscar, quando desejarem, uma ministração forte, uma palavra interessante, uma aula apropriada para seus filhos, um ambiente agradável e assim por diante. Quando, por algum motivo, os serviços da igreja caem de qualidade, esses consumidores saem a procura de outro shopping espiritual mais eficiente. Membros assim não têm aliança com o corpo”.

Contudo, o PG coloca em ênfase o fato de que “o sistema de Jesus foi projetado para resultar em produtores e não em consumidores, ou parasitas”.

O Suporte dos PG's

Depois de compreendermos os valores e os princípios que norteiam o PG, é importante compreendermos a necessidade das estruturas para o mesmo. Donahue provoca a seguinte reflexão: “a estrutura serve as pessoas ou as pessoas servem a estrutura? Muitas organizações (e muitos grupos pequenos), sem saber, criam um sistema que vê as pessoas como recursos ou combustível para impulsionar a organização”.

As estruturas de suporte não devem ser vistas como um fim em si mesmas, mas como servas de um fim maior que, em nosso caso, é cumprir a visão do Pequeno Grupo de ser um lugar de relacionamentos profundos com Deus, com o outro e de cuidado mútuo. Esse é o objetivo maior, mas para atingi-lo precisamos de uma estrutura, cujo papel é de organizar e viabilizar.

A estrutura de suporte diz respeito a todo o sistema de cuidado e disciplinado em cadeia necessário para que os líderes dos pequenos grupos possam receber cuidado, apoio, direcionamento e ensino de seus superiores e assim por diante, de maneira que ninguém fique sozinho no PG.

Dessa forma, o suporte, nada mais é do que uma cadeia hierárquica de cuidado e também de autoridade que estrutura os pequenos grupos. Ralph Neighbour Jr. atribui os seguintes nomes para esta estrutura de baixo para cima: o líder ou Facilitador do PG cuida de cerca de 10 pessoas; acima dele o Supervisor cuida de 3 a 5 líderes; acima do Supervisor um pastor cuida dos Supervisores.

Além de uma estrutura de suporte, há uma microestrutura relativa a estrutura interna dos PG's.

Os Grupos ATOS, possuem um líder/facilitador e um auxiliar para moderarem os encontros além de um anfitrião – que disponibiliza o local dos encontros. Este anfitrião poderá acumular papel de auxiliar ou participante. Quanto ao número de participantes, o grupo ATOS tem número limitado a 10-15 participantes, devendo multiplicar-se automaticamente ao atingir esse limite.

Quanto as reuniões dos PG's e Suporte

A estrutura básica é muito utilizada por vários autores e mostra a definição dos papéis mais básicos dentro do grupo. O Líder ou Facilitador é o responsável pelo cuidado, pela moderação das discussões, pela agenda do PG entre outras coisas. O Auxiliar ou Co-líder é um líder em treinamento que ajuda o líder, substitui em caso de necessidade e se prepara para liderar seu próprio grupo após a multiplicação. O Anfitrião recebe o grupo em seu lar, que se torna a

base do Pequeno Grupo. Quando nenhum dos membros pode receber o PG em seu lar, é função do Anfitrião receber o PG e acolher os membros. Os Membros por sua vez tem um papel ativo na construção das relações, do diálogo e do cuidado.

As reuniões dos PG's representam apenas 50% das atividades numa devida semana. Evidente que uma reunião empolgante, envolvente e dinâmica, todos gostam e sentem-se a vontade, mas não podemos nos esquecer dos outros 50%, onde os irmãos compartilham suas histórias de vida, se encontrando para evangelizar juntos, fazendo pequenas vigílias, jogando um jogo, levando seus amigos não crentes num almoço, um churrasco, etc.

Quando cada integrante compreende seu papel no PG também percebe que mesmo o membro que não possui atribuições de liderar ou receber o grupo em sua casa possui a atribuição de participar ativamente desta família com suas orações, seu compartilhar, sua atenção e sua presença.

Não há lugar para expectadores ou consumidores de religião no PG, pois para construirmos relacionamentos verdadeiros baseados em cuidado e em amor todos teremos que sair de toda e qualquer condição de inércia e apatia e nos engajarmos na construção dessa pequena comunidade.

A Liderança do PG

A liderança é uma questão crucial dentro e fora da comunidade cristã. Mesmo quando se procura amenizar o impacto da liderança nas organizações, dados e estatísticas mostram que o líder importa e a forma como o mesmo exerce sua liderança também importa e essa constatação não é diferente no Pequeno Grupo.

Grande parte da literatura ressalta que um dos fatores cruciais para o sucesso ou fracasso do Pequeno Grupo é a liderança. Vamos ver em seguida basicamente o papel e o perfil do líder do PG.

O papel do Líder do PG

No PG, o papel mais crítico é o do Líder/Facilitador. Se os autores e praticantes de pequenos grupos têm algo para dizer em uníssono é que a questão da liderança no PG é algo de extrema importância. Donahue afirma que “o ministério de grupo pequeno em sua igreja só terá sucesso se tiver habilidade de identificar e treinar líderes qualificados que possam pastorear pequenos rebanhos de crentes e alcançar os perdidos que precisam de Cristo”. Kornfiel e Araujo chegam a afirmar que “pelo menos 50% de seu sucesso depende do processo de seleção”.

Por isso mesmo é importante ressaltar que “nenhum grupo deve começar sem o time de liderança no lugar. Isto assegura que a liderança está sendo compartilhada e desenvolvida, e demonstra a seriedade da igreja em relação ao futuro do ministério”.

O líder tem sobre si pelo menos quatro responsabilidades que o definem como crítico para o PG: ele é o líder do PG, o principal cuidador no PG, o moderador do grupo e o estimulador de novos líderes.

O líder possui a responsabilidade de liderar o seu grupo. Isto implica em tomar decisões com relação a agenda dos encontros, definição e ajustes no tema que será abordado no encontro bem como o local onde o PG vai se reunir e outras pequenas decisões que afetarão todo o PG. De uma maneira geral, é do líder a

responsabilidade de manter o direcionamento do PG e decidir o melhor para a vida do PG.

Obviamente o líder do PG deve reconhecer os limites de sua autoridade, de maneira a compreender que algumas decisões não poderão ser tomadas sozinho, sem consultar seu supervisor ou mesmo a liderança pastoral da igreja. Creio que esse limite da autoridade deve ser expressa de forma clara no início do PG, de maneira que o líder não precise traspasar seus limites para descobrir quais são.

O líder também possui a responsabilidade de cuidar de seu PG:

“Deus espera que o líder dispense o mesmo tipo de cuidado que Ele daria a suas ovelhas, conforme o papel da liderança. Isto está claro em Ezequiel 23.1-16, onde Deus repreende os pastores de Israel por não darem o cuidado apropriado ao rebanho. Estudando a passagem, você descobre os desejos do Senhor para seus pastores: alimentar as ovelhas; conduzi-las ao descanso; procurar as perdidas; trazer de volta as desgarradas; assistir as feridas; fortalecer as enfermas.”

A responsabilidade de cuidar e também discipular é um dos fatores que limita o número de membros dos Grupos ATOS em torno de 10 a 15 pessoas: “Ser um apascentador é uma responsabilidade tremenda. Esta é a razão de termos limitado o número de pessoas sob os cuidados de um único líder. Se você tiver muita gente para cuidar, ficará sobrecarregado. Quanto cuidado você dispensa e com que frequência?”.

Neighbour ressalta que “cuidar de tantas pessoas realmente é um emprego integral de tempo parcial. Se seu PG passar do número limite, você já não poderá cuidar das necessidades das pessoas”. Por isso mesmo “recomendamos a porcentagem de 1:10 – para cada líder

de grupo até dez membros podem ser bem cuidados. Como líder voluntário na igreja, seu tempo é voluntário”.

No entanto, mesmo dentro do PG é importante lembrar que o líder é responsável pelo cuidado primário, mas não pelo cuidado total: “O cuidado primário é a atenção apoio normal e regular que um líder do grupo pequeno deve dar a seus membros”. “O cuidado mútuo é o que os membros do grupo devem ministrar uns aos outros. Não é possível a um líder de grupo pequeno se responsabilizar pelo total cuidado de todos os membros do grupo”.

A terceira responsabilidade do líder do PG é ser o moderador do grupo. O líder deverá moderar a construção do diálogo dentro do grupo e lidar com as diferentes opiniões e perspectivas dos membros do grupo durante o diálogo, especialmente no momento do compartilhamento. No ambiente do pequeno grupo é essencial que o líder compreenda que seu papel é moderar e não meramente monopolizar a palavra durante o período de compartilhamento e testemunho.

Para isso é preciso que o líder compreenda como conduzir o estudo de maneira indutiva e saiba conduzir o compartilhamento. Por vezes as pessoas tenderão a se desfocar do alvo do estudo e o líder deverá intervir. Outras vezes as pessoas tenderão a colocar-se na posição passiva de expectador e o líder deverá sabiamente trazer esses membros para dentro da construção e do diálogo, que é a proposta do PG.

Por fim, o líder é responsável por multiplicar a liderança. É papel do líder escolher em seu grupo um líder em treinamento, um aprendiz que se tornará líder na ocasião da multiplicação obrigatória em caso de excesso de membros do Grupo ATOS ou por decisão dos líderes. Então, se o Grupo ATOS crescer até que tenha 10 membros

ativos ou 15 membros flutuantes e precise multiplicar-se para formar outro grupo, o seu auxiliar terá de estar apto para cuidar desse segundo grupo. Por isso, desde há primeira semana em que estiverem trabalhando juntos, você deverá concentrar-se na preparação do seu auxiliar para assumir essa responsabilidade”.

No processo de escolher um aprendiz, “compartilhe a responsabilidade do ensino, da liderança, das discussões, dos momentos de diversão, oração e da ministração com membros habilitados de seu grupo. Não sinta como se você tivesse que fazer tudo sozinho dê oportunidade a seu aprendiz”.

A escolha do líder em treinamento deve ser feita com oração, pois muitas vezes nos deixamos levar pela empatia natural ou por estereótipos a respeito de liderança que possamos ter em mente: “Orar é essencial na escolha de seu aprendiz. Embora orientadores e outros líderes de ministérios ajudem no gerenciamento do controle de qualidade, os papéis do Espírito Santo e da oração são essenciais”.

O tempo de preparação do aprendiz é estipulado em 6 a 12 meses, o que ilustra por si só como o líder em treinamento é importante para o PG: a multiplicação do PG depende de um líder maduro e pronto para assumir suas responsabilidades diante do novo PG.

A respeito do número de aprendizes que um Líder possa treinar é uma decisão para ser tomada contextualmente: Bill Donahue compartilha sua experiência no tocante a grupos de formação de liderança chamados “Grupos Turbo: “Quantos aprendizes devo ter no grupo? Basicamente tantos quantos desejar. Há grupos formados só de aprendizes. Nós os chamamos de ‘grupos turbo’. Geralmente duram cerca de seis meses. A esta altura há o “parto” e cada aprendiz sai para liderar um novo grupo”.

O Perfil do Líder de PG

Depois de compreender como é importante o papel da liderança no PG por causa das atribuições do líder, devemos refletir sobre as características necessárias a um candidato a liderança de um PG.

É importante recordar a ressalva de Donahue: “o ministério de grupo pequeno em sua igreja só terá sucesso se tiver habilidade de identificar e treinar líderes qualificados que possam pastorear pequenos rebanhos de crentes e alcançar os perdidos que precisam de Cristo”. Uma vez que “pelo menos 50% de seu sucesso depende do processo de seleção”, quais elementos devemos procurar na vida daqueles que liderarão pequenos grupos? Qual é o perfil de um Líder de PG?

Donahue enfatiza que um líder deve demonstrar em sua vida os 7C's:

- 1- Cristão: tendo uma paixão por Cristo.
- 2- Caráter: dando atenção ao coração.
- 3- Chamado: levantados para cuidar do povo de Deus.
- 4- Competência: habilidade para liderar e guiar um grupo.
- 5- Compatibilidade: tendo o temperamento e paixão por liderança.
- 6- Compromisso: fazer o que for necessário.
- 7- Capacidade: habilidade para servir e prover cuidado as pessoas.

Já Kornfield e Araújo enfatizam as competências e características que o Líder do PG devem exibir em seu serviço e testemunho:

- 1- Pastorear.
- 2- Evangelizar.
- 3- Ouvir a Deus.
- 4- Facilitar a participação de outros.
- 5- Disponibilidade.

- 6- Fidelidade.
- 7- Liderança.
- 8- Ensináveis.

É importante lembrar que o líder do PG desempenha um papel de líder leigo muito semelhante ao do Obreiro.

E qual é o perfil necessário para o obreiro segundo as Escrituras? Este perfil está expresso de forma muito clara nas passagens de 1Timóteo 3.1-7 e Tito 1.5-9. Segundo esta conhecida instrução de Paulo, é necessário ao candidato ao presbiterato (serviço e obra na casa do Senhor) que este apresente:

- 1- Uma vida que apresenta coerência com as Escrituras (irrepreensível).
- 2- Fidelidade conjugal (esposo de uma só mulher).
- 3- Autocontrole emocional (temperado).
- 4- Humildade genuína (modesto).
- 5- Acolhedor dos irmãos (hospitaleiro).
- 6- Conhecedor e expositor simples mas fiel da Bíblia (apto para ensinar).
- 7- Equilibrado e com domínio próprio (não dado ao vinho).
- 8- Manso e não briguento (não violento).
- 9- Pacificador e contrário a intrigas e divisões (inimigo de contendas).
- 10- Desprendimento de bens materiais e generosidade (não avarento).
- 11- Ser um bom pai e marido (governe bem a sua própria casa).
- 12- Cristão experiente e experimentado na fé (não neófito).
- 13- Ser um cristão de piedade reconhecida pela igreja e fora dela .

Obviamente o modelo ensinado pelas Escrituras não pressupõe que alguém deva ser perfeito para então servir por meio da

liderança, mas o perfil dado pelo Apóstolo Paulo nestes textos aponta na direção de um cristão amadurecido em Cristo, alguém firmado em uma sólida vida devocional.

“Você sabe qual será a sua qualidade mais importante como líder? A constância e a coerência. Amando a todos os membros, não somente a alguns; tendo nesta semana o mesmo cuidado pela vida do grupo que você teve na semana passada; confessando de modo transparente as suas falhas ao mesmo tempo que revelar o crescimento da sua fé –

assim é que você estará dando provas de constância”.

Através dos textos acima citados, vemos que Paulo instrui a igreja de então a não alçar a liderança irmãos que ainda não tivessem dado amostra de uma transformação pessoal em Cristo e isso deve nortear nossa reflexão hoje mais do que nunca. Vivemos uma crise de liderança dentro e fora da igreja.

“Dois terços dos norte-americanos afirmam que os EUA vivem uma ‘crise de liderança’. Eles não confiam nos próprios líderes – sejam estes políticos, diretores, reitores ou os defensores da grande mídia. Em cada uma das onze diferentes áreas pesquisadas, no máximo 40% dos entrevistados disseram ter muita confiança nesses líderes – sobre os quais os norte-americanos há muito tempo têm sido ambivalentes. O problema não se limita aos Estados Unidos; pesquisas apontam resultados semelhantes em vários países”.

Esse ambiente de desconfiança crescente tem evocado debates intensos que apontam cada vez mais para o fato de que o tempo é de ceticismo. As pessoas não confiam mais em seus líderes políticos,

religiosos e mesmo organizacionais pois muitos líderes decepcionarem gerações inteiras, causando uma síndrome de desconfiança de qualquer um que assuma um cargo de liderança. “Não nos importa mais se os líderes vão cair, mas quando isso acontecerá”.

Vivemos em um momento de crise de liderança, e no entanto “a vitalidade e a eficácia de qualquer igreja local está diretamente relacionada a qualidade de sua liderança”. Por isso é importante que o período de seleção dos líderes na fase piloto e o processo posterior de escolha dos líderes em treinamento nos PG’s seja orientado pelas Escrituras, bem como encharcado de oração e de um santo temor pelo direcionamento do Espírito Santo.

As Escrituras enfatizam que o Senhor Jesus orou antes de escolher dentre seus aprendizes os apóstolos (Lc 6.12-16) e a Igreja Primitiva seguiu o exemplo do Senhor ao orar ao Senhor pedindo direção para a escolha de seus líderes (Atos 1.12-26), notoriamente no caso do envio de Paulo e Barnabé (Atos 13.2,3). Devemos igualmente orar com o coração e a mente abertos para ouvir e obedecer ao Espírito.

A composição dos Pequenos Grupos

Uma questão a se considerar é como os Pequenos Grupos serão compostos. Esta questão parece ser de menor importância, mas dependendo da maneira como a liderança encaminhar suas escolhas poderá ter resultados bem diferentes ao final do processo.

Os grupos podem ser compostos por meio de proximidade geográfica ou afinidades pessoais:

O critério geográfico pode ser útil para encurtar distâncias a fim de que as pessoas possam ter um acesso facilitado a célula em um contexto de horários apertados e agenda cheia.

Contudo, “ao mesmo tempo não podemos ser rígidos em insistir na formação de grupos geográficos. Podemos propor isso e dar espaço para que as pessoas que preferem ficar juntas, por afinidade, façam isso. As vezes, a proximidade familiar, de interesses, ou de relacionamento, supera os obstáculos geográficos, especialmente se as pessoas tiverem carros. Sem dúvida haverá grupos de afinidade que funcionam tão bem ou melhor do que grupos geográficos, por exemplos, grupos de adolescentes, de jovens, de casais jovens, de donas de casa, etc. A afinidade pode fornecer uma dinâmica toda especial.

Os grupos também podem ser homogêneos ou heterogêneos: “grupos homogêneos tem a tendência de ser mais convidativos para novas pessoas que compartilham as mesmas características e afinidades”. Dessa forma, PG’s de jovens, de casais, de adolescentes e outros podem criar ambientes onde temas comuns podem ser trabalhados de maneira produtiva, contudo “o agrupamento de pessoas por idade, sexo e afinidades já acontece em diversos contextos” e pode ser que o PG seja um momento propício para se cultivar um ambiente heterogêneo, onde as diferenças encontrem um lugar para serem trabalhadas como um ganho.

Os pequenos grupos podem ser também fechados ou abertos: “De forma geral o grupo é aberto, em contraste com os grupos de discipulado e apoio que são fechados pela natureza de seu alto compromisso e propósito de formação espiritual profunda”.

Uma sugestão importante de Kornfield e Araújo é de que o “grupo esteja fechado nos primeiros três meses, para ganhar identidade e o sentido de uma família”. Os três primeiros meses do PG podem ser

utilizados para construção de relacionamentos profundos e um ambiente de aceitação e acolhimento antes de convidar novos membros para se unirem ao PG, orientação que não deve ser vista como uma regra absoluta tendo em vista que podem surgir pessoas que precisem nesses primeiros meses do apoio e do cuidado do PG.

Um ponto que não é de essencial importância mas é relevante é utilizar uma distinção entre ser membro do PG e ser membro da igreja. Acontece frequentemente de um visitante que não é membro da igreja e que por vezes não é cristão começar a participar dos encontros. Embora o mesmo não seja um membro da igreja (falando de maneira formal) deve ser considerado um membro do PG.

Qual o desenvolvimento do Pequeno Grupo

É possível se perceber no Pequeno Grupo, como em qualquer rede de relacionamentos, que existem fases de maturação pelas quais o nível dos relacionamentos vai passando a medida que as pessoas se conhecem melhor e interagem de forma mais franca e profunda.

Neighbour afirma que “assim como acontece no casamento, depois da lua-de-mel o seu grupo terá de trabalhar duro para que o relacionamento se torne bem sucedido. O ouro, a prata e as pedras preciosas [do pequeno grupo] não se acharão espalhados pela superfície. Para descobri-los, vocês terão de cavar fundo na formação de relacionamentos espirituais”.

Basicamente, as fases no ciclo de vida do Pequeno Grupo são quatro: nascimento, descobrimento, comunhão e multiplicação. Dependendo da abordagem podemos ter na literatura fases muito similares como em Neighbour e Silva ou modelagens com mais fases como no caso de Donahue.

Na **fase do nascimento** o Pequeno Grupo é organizado, o time de liderança é estabelecido e a visão do Pequeno Grupo bem como os as expectativas e comprometerimentos são expressos, os valores afirmados e reafirmados. As pessoas começam a ter os primeiros contatos, ainda expressando de maneira formal suas opiniões e compartilhando de maneira superficial a respeito de suas vidas. Os líderes precisam discernir o momento do PG e assim também evitar quebra-gelos que sejam muito agressivos para o momento e não cair na tentação de forjar uma intimidade artificial. Os relacionamentos estão iniciando e é natural e saudável que haja um crescimento orgânico.

Na **fase do descobrimento** as pessoas, embaladas pelo ambiente informal e construído com aceitação, começam a se expressar de maneira mais franca e profunda. As falas começam a ser orientadas por uma sinceridade maior, o compartilhar se torna mais rico e profundo. Começamos de fato a nos permitir conhecer e a conhecermos uns aos outros, em um maravilhoso descobrimento. Nesta fase também podem se tornar mais claras as diferenças entre os pensamentos e opiniões dos membros do PG. É natural que em algum momento deixemos a polidez de lado para discordar respeitosa e abertamente da opinião alheia. Os líderes devem estar atentos para mostrar e demonstrar em sua própria atitude que é possível discordar do outro amando e respeitando o outro e que não se trata de encontrar quem é o dono da verdade, mas que a unidade cristã abre espaço para, em aspectos não essenciais da fé cristã, divergirmos em amor e com maturidade. Nossas diferenças devem nos enriquecer mutuamente e não nos empobrecer e emperrar nossa comunhão.

A **fase da comunhão** é o momento em que, depois de mostrarmos com mais transparência quem somos e como pensamos,

conseguimos ir além das diferenças para nos encontrarmos em um espaço de mutualidade, aceitação, compreensão e afeto. O Pequeno Grupo proporciona uma experiência profundamente rica de comunhão e companheirismo, de tal maneira que podemos sentir uma afeição crescente pelas pessoas que a cada semana estão ali conosco se abrindo, se expondo, vulneráveis e sinceras. Esta fase é o ápice da busca do Pequeno Grupo, é a pequena comunidade experimentando a comunhão cristã de forma plena e integral.

A **fase da multiplicação** se dá quando o PG cresce para além de 10 membros, ou quando o ambiente das reuniões se torna incapaz de conter os participantes com um mínimo de conforto e visualização. Quando o número de pessoas no PG cresce as interações sofrem algum tipo de restrição, pois já não podemos trabalhar as questões com tanta tranquilidade e profundidade como antes. O momento de compartilhar fica mais restrito e o cuidado exercido pelo líder do PG passa a ser dificultado, especialmente quando o número de membros está acima de 15 pessoas. Visando assim manter a vitalidade, a intimidade e a profundidade do PG o mesmo deve iniciar um processo de multiplicação. Ao se multiplicar, o PG multiplica sua vitalidade pois multiplica sua liderança, abre espaço para novos visitantes, torna a aprofundar sua comunhão e isso faz com que a rede dos Pequenos Grupos se fortaleça e cresça cada vez mais.

3. O Encontro do Pequeno Grupo

Uma vez estabelecido o time de liderança do pequeno grupo, é importante definir o formato do encontro. Existem diversos tipos de formato de encontro dependendo do material e da linha de pequenos grupos adotada, de maneira que atualmente tanto é possível escolher um método em particular quanto se pode, a partir dos modelos existentes, conceber um método para a condução do encontro que melhor se adapte a sua realidade.

Cruz e Ramos enfatizam que “a constituição e o funcionamento de um pequeno grupo geralmente se dão em função do seu objetivo”. Ou seja, tanto a constituição quanto a maneira como o grupo funcionará dependerá dos objetivos do PG, da visão estabelecida para os grupos. Os próprios autores sugerem que o objetivo do PG deve ser duplo: “Um pequeno grupo que ajuda sua igreja crescer integralmente deve ter como meta tanto a evangelização como o discipulado”.

Uma vez que o ambiente construído é muito mais íntimo que o do grande grupo, o PG abre possibilidades relacionais mais profundas entre as pessoas, criando um ecossistema de comunhão e compartilhamento. Logo, o método do encontro deve estar alinhado com o objetivo de construir um ambiente profundamente relacional, informal, baseado na confiança e na mutualidade.

Podemos perceber que a maioria dos autores utiliza um método para o encontro muito similar, com pequenas variações. Ralph Neighbour Jr. utiliza os quatro E's: Encontro (quebra-gelo), Exaltação (louvor), Edificação (Palavra) e Evangelismo (testemunho). Já Aluizio A. Silva utiliza os seguintes momentos: Envolvimento ou quebra-gelo; Louvor e Adoração; Ensino da Palavra; Compartilhamento da Palavra; Oração pelas necessidades; Comunhão ou lanche.

Sampaio utiliza a seguinte estrutura: Quebra-Gelo; Criatividade (louvor e adoração); Etapa Problematizadora (Edificação) e Prática do Cuidado (Evangélico). Kornfield e Araújo propõem três blocos apenas: Louvor; Estudo Bíblico; Compartilhar e Orar. Dave Earley utiliza uma forma mais complexa: Boas-vindas (Lanche, Saudação inclusiva e Quebra-gelo); Adoração; Palavra e por fim Testemunho.

Nossa orientação é que os Grupos ATOS sigam quatro momentos básicos, todos voltados para relacionamentos, escolhidos e moldados com a finalidade de construir um ambiente informal, relacional, de cuidado e mutualidade: Após o Quebra-Gelo, no qual iniciamos o PG compartilhando coisas pessoais em um nível mais inicial; o momento de Louvor e Adoração, na qual entregamos ao Senhor expressões de gratidão, louvor e adoração; o Compartilhar da Palavra de Deus, no qual Testemunhamos nossa vida enquanto somos orientados e ensinados por um texto das Escrituras; as Orações, onde lembramos ao grupo de nossa visão missional e oramos uns pelos outros e, por fim, o momento de Solidariedade, onde podemos, em particular, solicitar orações específicas e expor nossas queixas familiares a nossos líderes.

Vamos ver mais de perto item por item desses elementos.

O Bom Local

O local deve ter uma boa iluminação, nem fraca, nem excessiva. Com luz mal projetada e fraca ou forte, tem que permitir para as pessoas verem os rostos umas das outras, para poderem expressar. Se for somente uma lâmpada colocar no meio da roda.

A distribuição dos assentos

As pessoas precisam olhar umas para as outras. O formato de igreja, com as pessoas olhando umas para as costas das outras, não é recomendado. Use as cadeiras ou bancos em forma de círculo, quando o ambiente permite.

Evite cadeiras desconfortáveis, quebradas ou rangendo. Evite também colocar pessoas bem nutridas em cadeiras plásticas de capacidade duvidosa.

Todas as reuniões e atividades dos PG's, seja uma reunião no lar ou qualquer comunhão fora, deve se observar uma atmosfera de alegria, fé, amor, carinho, intimidade e comunhão.

A atmosfera correta deve ser projetada. Sem tristeza ou adoração e oração que espante os novos. Cara dura, bronca, nem pensar. Sorriso genuíno e transbordante do Espírito Santo.

O bom líder de PG sabe contornar comentários negativos com atmosfera de fé, vitória, credulidade, milagre... Atmosfera com amor, carinho e atenção, com pureza e santidade.

Não havendo músicos, use música de CD's para os irmãos acompanharem. Mesmo que hajam músicos e cantores experientes preferimos os CD's – não é proibido usar violão ou instrumentos – mas isso não deve ser o objetivo, já que ao multiplicar o PG poderá funcionar mesmo sem um músico.

Muitos se sentem mais motivados a orar em vigílias. Programe vigílias eventuais para a seu grupo e convide para os momentos de oração na Igreja. Devemos orar muito, há líderes que programam reuniões de oração extra.

Faça um cartão convite personalizado de seu PG. Dê uma quantidade para cada membro e peça-lhes que os distribuam entre seus próprios amigos e vizinhos.

Dê um nome para seu PG. Que seja um nome significativo, agradável, e do qual os membros vão se lembrar facilmente. Devem saber o significado e primar para que ele tenha tudo a ver com o crescimento e desempenho do grupo todo.

Programa ocasionalmente para que todo o seu grupo vá com uma mesma camiseta na celebração do domingo. Isto cria uma identidade no PG e um senso de grupo unido. Os próprios membros podem discutir a arte, os dizeres, a cor, etc.

Nada de Centralização

Delegue funções e responsabilidades para cada membro do PG, mesmo que seja algo simples. Isto produz compromisso e seriedade em todos.

Dê várias oportunidades às pessoas do seu grupo. Não rotule ou desista de alguém só porque falhou no compromisso de trazer o lanche na última reunião. Ou porque se esqueceu de selecionar as músicas para o louvor, ou porque não compartilhou bem o estudo.

Acredite nas pessoas! Delegue responsabilidades para cada membro!

Quando nos sentimos úteis, nos comprometemos mais. As pessoas aprendem fazendo; por isso envolva todos os membros do seu PG nas atividades grupais.

O líder deve ser um facilitador: alguém que faz o PG acontecer com a participação de todos; não um chefe controlador que sufoca a célula e faz tudo sozinho.

Preste Contas

Você tem preenchido regularmente o relatório de seu PG? E quanto às reuniões de discipulado: você é assíduo? Um líder independente está fora da visão geral dos grupos e do Reino de Deus.

Ao planejar algo maior, como um retiro, mudança de local da reunião ou a multiplicação, comunique e decida junto com seus supervisores. Somente alguns feriados são permitidos, normalmente as Quintas e Domingos são reservados para o culto de celebração com todos os membros.

Temos que verificar se os líderes são dizimistas fiéis. É necessário que o líder seja irrepreensível (1Tim 3:2), modelo e exemplar.

O Quebra-Gelo

O quebra-gelo é utilizado para abrir o encontro. Geralmente se trata de uma pergunta a qual todos devem responder de maneira sucinta.

“Quebra-gelos – perguntas ou atividades simples que levam as pessoas a compartilhar – são um ótimo recurso para ajudar as pessoas a se ligar umas com as outras e se tornarem realmente presentes na reunião”.

A idéia do quebra-gelo é promover desde o princípio um ambiente inclusivo e participativo, pois “seu objetivo é produzir um ambiente informal e não ameaçador”. Promover a abertura interna é uma habilidade básica, mas ao mesmo tempo essencial ao grupo pequeno. Quebra-gelos e perguntas que estimulam tal comportamento são criados a fim de ajudar os membros a se sentirem a vontade para

compartilhar suas vidas e produzir um ambiente de confiança e intimidade”.

O líder deve compreender a finalidade do quebra-gelo, que é basicamente franquear a palavra a todos os membros no início do encontro para que todos sintam que estão na mesma página. A contribuição de todos é bem vinda, a voz de todos é importante, a opinião de todos conta, a presença de cada um é uma alegria para o PG. Silva faz uma importante ressalva ao líder: “Lembre-se sempre de que o quebra-gelo não é um jogo. É uma atividade que ajuda a pessoa a tirar a atenção de si mesma, para se sentir a vontade com os outros. Ele ajuda a concentrar a atenção de toda o grupo numa única direção”.

O quebra-gelo, a semelhança de uma breve introdução, deve ser modesto e rápido de maneira a não tomar demasiado tempo do encontro. Devido ao seu papel introdutório “não espere muito do quebra-gelo, a comunhão que ele produz é sempre superficial. Mas nunca o despreze. Ele não é um tempo jogado fora, use-o em cada reunião”.

Algumas dicas para um bom quebra-gelo podem ser esclarecedores. Primeiro, “o quebra-gelo tem de ser adequado a esse grupo”. Pequenos grupos que estão no início da vida devem ter quebra-gelos adequados, leves e convidativos. Com o passar do tempo, ele pode se tornar mais profundo e revelador.

Em segundo lugar, “sempre faça o grupo todo participar”. O líder deve ir puxando a língua das pessoas para que desde o início do encontro todos possam contribuir e moderar para que ninguém monopolize o quebra-gelo.

E por terceiro e último, cuide para que o quebra-gelo cumpra seu papel e logo saia de cena, não se tornando excessivamente longo.

Bill Donahue chega a sugerir uma extensa lista de possibilidades de quebra- gelo. Perguntas leves sobre o primeiro animal de estimação ou sobre o que fez nas férias passadas podem criar um ambiente informal, relacional e de compartilhamento para que o PG possa atingir seus objetivos.

Invista em Relacionamentos

Uma pesquisa feita com crentes que estão fora da igreja mostrou que 70% deles saíram da igreja porque sentiam que ninguém se importava com eles. O amor é a chave para evangelizar, discipular e edificar!

Estabeleça um discipulador para cada novo convertido no seu PG, ou seja, um irmão – ou irmã – mais velho para cuidar dele e acompanhá-lo continuamente. Esses irmãos devem se falar frequentemente pelas redes sociais e encontrar-se durante a semana, ao menos uma vez.

Oficialmente, o PG se reúne uma vez por semana. Mas os vínculos devem acontecer a semana toda. O tempo oficial de duração até uma hora ou 1 h 15 no máximo. Depois convidar para o lanche.

Os PG's podem realizar reuniões de oração semanal, encontro para um café da manhã, encontro das mulheres, fazer uma visita, encontro dos homens para uma atividade esportiva, todos sentando juntos na igreja etc.

Louvor e Adoração

Após o quebra-gelo, inicia-se o momento dedicado ao louvor e a adoração no PG. Este momento é similar ao momento do grande

grupo no qual são ministrados os cânticos, com a particularidade de que no PG o ambiente é muito mais intimista e a própria questão de como os cânticos serão conduzidos se torna específica de cada grupo.

No entanto, antes de olharmos para as questões mais práticas no que se refere a esse momento, é importante relembrarmos em linhas gerais o seu objetivo, seu significado e sua essência.

Embora não haja uniformidade entre os autores e estudiosos a respeito de haver ou não uma distinção entre louvor e adoração e qual seria essa distinção, vamos utilizar a conceituação mais comum para um e outro para podermos compreender dois aspectos importantes neste momento do PG.

O louvor refere-se ao ato individual ou coletivo de elogiar, bendizer e celebrar o Eterno pelo que Ele é e faz. Rubem Amorese nos ajuda a compreender:

Quando se refere a Deus, em sua forma triúna ou particularizado em alguma pessoa da Trindade, a palavra louvor assume conotação teológica. Nessa acepção, a palavra passa a ser entendida de duas formas possíveis: como “elogio” ou como “prática litúrgica”. Como elogio, o louvor nada mais é que a expressão, individual ou coletiva, de reconhecimento do que Deus é e faz. Nesse processo, íntimo ou coletivo, de manifestação, o coração humano salienta a santidade, bondade, fidelidade e misericórdia de Deus, seja como propriedades marcantes de seu eterno ser, seja como resultado de experiências recentes. Louvor, aqui, é um sentimento que se expressa, se exterioriza. É o ato de dizer a Deus o que sentimos e pensamos a seu respeito [...] Na sua acepção litúrgica, a palavra louvor assume a conotação de um ritual complexo, que pode ocupar momentos de uma

celebração ou envolver todo o culto [...] Nesse sentido, a palavra significa, em grande parte das igrejas contemporâneas, um período da reunião (ou toda ela), em que predominam a música e as expressões artísticas destinadas a engrandecer o Senhor.

Note que por ser uma expressão externa o louvor pode ser conduzido por meio de cânticos e orações comunitárias. O dirigente, ao escolher determinado cântico que possui esta ou aquela letra, está basicamente moldando a experiência do louvor dos demais por meio de suas escolhas litúrgicas. Nesse sentido o dirigente pode conduzir o PG a exaltar o Eterno por determinados motivos e de formas específicas.

Já a adoração é uma experiência mais íntima e profunda. Amorese a define da seguinte maneira:

A palavra adoração traz conotações mais íntimas e afetivas, que apontam para expressões de amor (ágape). Ela não se materializa em liturgia, embora esteja na gênese do louvor e da liturgia. A adoração, assim como o amor, não se vê. O que aparece é seu resultado exterior, como expressão dramática da intimidade. Suas exteriorizações comportamentais são de difícil reconhecimento. Num mesmo momento, um dança e outro se ajoelha; um canta e outro chora; um levanta as mãos e outro as cruza no peito. No entanto, quando adoram, todos amam, todos se expressam, todos oferecem sacrifício, todos se transformam nesse momento de verdade íntima, pessoal e, muitas vezes, coletiva.

Hermisten M. P. da Costa nos lembra que no contexto do encontro com o Eterno “o adorador adora a Deus contemplando a Sua

Majestade [adoração] e, neste ato de culto, há uma exclamação de admiração diante da grandeza de Deus [louvor]”.

Logo, há uma relação estreita entre a adoração íntima e a o louvor público, de uma maneira que ambos estão interligados em uma via de mão dupla. Tanto a adoração nos leva a louvar quanto o louvor pode nos conduzir até a atitude profunda da adoração. Neste sentido é responsabilidade do dirigente criar um ambiente que propicie, que favoreça e facilite o encontro genuíno entre o indivíduo e o Triúno Deus que se apresenta ao PG por meio de Jesus Cristo, ou seja: a adoração. Contudo, essa experiência não pode ser gerada ou forjada pelo dirigente, que deve reconhecer sua limitação. Apenas o Espírito de Deus pode nos comunicar esta experiência interior, íntima, profunda e transformadora da adoração. Podemos orar para que ela ocorra, preparar o ambiente, afofar o solo, mas não podemos produzi-la.

E como preparar o ambiente e propiciar esse encontro? Preparando o momento de louvor comunitário para que o mesmo seja um facilitador e não um obstáculo. Este é o objetivo do momento de louvor e adoração. Esta parte do encontro deve criar o ambiente facilitador e espiritualmente profundo de maneira que as pessoas possam externar seu amor por Jesus em forma de louvor e por outra via que o louvor possa conduzir outros a experiência da contemplação e do encontro com o Eterno.

É importante esclarecer: a relação entre o louvor e adoração é de mão dupla, mas não podemos e não iremos fazer com que as pessoas adorem. Tudo que podemos fazer é preparar o melhor ambiente de louvor possível para que isto ocorra. E como preparar esse ambiente?

Algumas dicas podem ajudar o líder do PG a construir o melhor ambiente possível para o momento de louvor e adoração. Vamos a elas.

Primeiro, procure adequar os cânticos a realidade do seu PG. Há um músico membro do PG que pode tocar os cânticos? Há alguém que pode conduzi-los apenas com a voz? Na falta dessas duas opções há reproduzir os cânticos por meio de algum recurso tecnológico? O líder deve procurar a melhor escolha para o seu PG em específico.

Segundo, independentemente de ser o líder ou um músico cristão a conduzir o momento de louvor e adoração, é necessário recordar que toda forma exagerada de condução e de protagonismo do dirigente deve ser evitado. A função do dirigente é conduzir, facilitar e não monopolizar ou procurar gerar sentimentos e expressões artificiais nos membros do PG nesse momento. Deixe o Espírito moldar a atmosfera.

Terceiro, o dirigente deve assumir a responsabilidade pela parte que lhe cabe na ministração dos cânticos. A escolha deve ser feita com antecedência tendo em mente a ideia central do momento do estudo indutivo, de maneira que os momentos do encontro estejam em sintonia. Se possível deve haver um caderno com os cânticos para os presentes, em especial os visitantes. O tempo a ser utilizado deve ser calculado com cuidado de maneira que o período de louvor e adoração não seja demasiado curto ou longo.

Acima de tudo, “o importante é reconhecer e acolher a presença de Cristo no encontro. Mesmo que esta parte da reunião tenha de ser simples e resumida, ela é de grande importância. Se o grupo não estiver olhando para Cristo, o compartilhamento e a ministração serão muito limitados”. Seu objetivo é tornar os presentes conscientes o máximo possível do Deus cheio de bondade e de amor que está presente entre nós por meio do sacrifício de Jesus e na pessoa do Espírito Santo.

O Testemunhar

Após o momento de adoração e louvor, o líder do PG inicia o período no qual dirige seu grupo no estudo, compartilhamento e aplicação das Sagradas Escrituras. O compartilhar da Palavra é o fundamento do PG pois nesse momento o Espírito Santo fala aos corações por meio da Palavra e do compartilhamento da vida, das experiências e vivências, transformando, quebrantando, curando, libertando e salvando.

Nesse sentido, o momento de compartilhar a Palavra no PG é tão importante quanto no grande grupo, mas com um corte diferente. Enquanto no culto o momento em torno da Palavra é pela via do ensino, da pregação e da cognição voltada para todos, no momento do Compartilhar os membros do PG compartilham suas diferentes percepções sobre a Palavra e compartilham suas vidas orientados pela Palavra.

A Igreja pode fornecer um estudo bem elaborado, dinâmicas criativas, perguntas bem feitas, mas a particularidade do alto só vem através do instrumento humano que é o facilitador da mensagem. A pessoa que vai facilitar o estudo deve se preparar bem, organizar o material, revisá-lo e ter o estudo bem fixo na sua mente e no seu coração.

A igreja fornece materiais para os PG's semanalmente alinhados com o tema do culto de celebração no sentido de trabalhar como aplicar a mensagem no dia a dia:

A pessoa que vai facilitar a mensagem deve ter estado na igreja no domingo anterior, deve ter ouvido a mensagem e absorvido-a bem, pois quase sempre ela será o tema do estudo na reunião do PG. *“A mensagem no PG não é uma pregação, mas uma reflexão interativa com a participação de todos num clima descontraído e espiritual”.*

VOCÊ É UM FACILITADOR, NÃO UM PRELETOR que quer mostrar eloquência e conhecimentos, discuta a passagem bíblia, não apenas o sermão do pastor.

Todos devem ter a chance de compartilhar, mas não precisam ser coagidos a isso. Não direcione a pergunta diretamente para a pessoa, principalmente os novos.

Não chamar o nome de ninguém antes de oferecer a todo o grupo a oportunidade.

Se poucas pessoas estiverem monopolizando o compartilhar, valorize o compartilhar destas pessoas, parabeneze a participação e atue no sentido de querer ouvir a opinião de pessoas que ainda não compartilharam.

Se alguém estiver falando demais sobre um assunto, valorize a pessoa e o assunto, porém atue no sentido de seguir com a palavra e comente sobre continuar o assunto na hora da comunhão com o lanche e demonstre interesse. Sempre com muito amor e carinho, mas tomando as rédeas da reunião pelo poder do Espírito Santo.

Use perguntas abertas, inteligentes e definidas. Por exemplo, em vez de você perguntar “Quantas pessoas foram na arca de Noé?” Pergunte: “Na sua opinião, o que você acha que as pessoas que estavam entrando na arca, a família de Noé e as suas noras, o que eles estavam sentindo na hora de entrar na arca”. “Na sua opinião como você acha que podemos aplicar essas verdades no nosso dia a dia”.

Dê a todos a chance de falar, mas tenha o controle da conversa e da discussão. Responda perguntas com novas perguntas se isso puder trazer mais clareza.

Líderes não são enciclopédias e não precisam ter todas as respostas. Você pode dizer que não tem a resposta ao certo, mas que vai

buscar na bíblia ou com seus líderes e trará uma resposta melhor. Não deixe de fazê-lo.

O estudo não deve ser longo, deve ter entre 20 e 30 minutos, 25 é ótimo. Aprenda a apresentar a sua exposição o mais breve possível e tente olhar o mínimo possível para a folha ou para as suas anotações, você deve decorar ou pelo menos saber, mais ou menos, os pontos-chave da folha e da mensagem.

A ministração da palavra é tão importante quanto a pregação, você deve sempre permitir que as pessoas sejam ministradas. Sinais, maravilhas e milagres são os ingredientes básicos da ministração. Quando impuser as mãos ou simplesmente orar pelas pessoas você deve estar consciente de que você está mergulhando em direção a unção.

Permita que a unção flua através de você pra mudar vidas. Envolver todos durante a ministração, não monopolize o momento. Ore com as pessoas. Seja um clima com a unção do Espírito Santo.

Dessa forma, ouvimos a Deus através do outro e nos vemos na fala do nosso irmão, pois quando o irmão compartilha conosco sua percepção da Escritura ouvimos a Palavra do Senhor através dele e quando compartilha sua vida vemos que não somos diferentes uns dos outros e que no fundo estamos juntos diante das dificuldades da vida. Nos vemos na fala do outro.

Dessa forma o ambiente relacional e íntimo do PG abre possibilidades no Compartilhar que praticamente não existem no grande grupo. O momento em torno da Palavra no PG se torna mais prático, contextualizado, indutivo e participativo.

O compartilhar da Palavra no PG assume uma forma muito parecida com o ensino de Jesus para os apóstolos, também realizado em pequeno grupo:

Em oposição a muitos comunicadores do evangelho cuja prioridade é a transmissão de informações, a preocupação de Jesus centrava-se na formação de discípulos [...] Portanto, obedecendo ao comissionamento de Cristo, os discípulos utilizavam métodos práticos de ensino- aprendizagem que objetivavam transformar a vida das pessoas, começando por seus valores interiores e prioridades.

Visando essa formação de um aprendiz de Cristo o Compartilhar se torna o mais prático e contextualizado quanto possível. Ou seja: o objetivo é aplicar as verdades das Escrituras no dia-a-dia (prático), para isso levando em conta os diferentes contextos vivenciais dos participantes do grupo (contextual). Dessa forma, “um integrante irá considerar o grupo importante à medida que conseguir extrair do estudo aplicações pessoais e específicas e compartilhar um vínculo com outros participantes [...] Essas observações revelam que o conteúdo das Escrituras assimilado durante o estudo bíblico deve ser associado a vida diárias dos participantes. Assim, o ensino da Palavra de Deus em ambiente de pequeno grupo tem de penetrar as situações diárias e não ser um mero apêndice de obrigações religiosas”.

A fim de diluir o compromisso com a prática, muitas pessoas instintivamente tendem a arrastar os temas bíblicos para discussões excessivamente teóricas e as vezes até mesmo irrelevantes para a vida diária. Por isso “no momento do ensino da Palavra, o líder precisa ter clareza sobre a diferença entre uma escola e uma família. O PG é para ser uma família. O alvo não é fazer um treinamento, mas ministrar vida. É por isso que não haverá lugar para discussões teológicas ou doutrinárias. A questão não é o que aprendemos, ou qual a nossa

opinião, mas qual é o nosso testemunho: estamos ou não praticando a Palavra?”.

Devido a essa ênfase prática e contextual do ensino no PG, Neighbour afirma o seguinte:

“Numa reunião de célula você não vai tentar passar uma grande carga de conhecimento bíblico novo. O alvo é que os membros do grupo descubram e apliquem verdades simples da Bíblia, ao refletirem sobre as suas experiências pessoais. Como líder da célula, a sua incumbência é escolher o tema – ou usar o tema definido pela liderança da igreja – e facilitar a discussão que abra as mentes e os corações das pessoas a voz de Cristo e ao seu poder.”

Tendo em vista o objetivo transformador e prático do ensino no PG, o líder deve enfatizar o aspecto indutivo e comunitário em sua abordagem. O líder deve compreender que “diferentemente de uma pregação-ensino para um grande grupo, o estudo bíblico em contexto de pequeno grupo tem por objetivo não somente compartilhar a verdade das Escrituras, mas também estimular a troca de experiências e abordar questões relevantes a seus integrantes”. Nesse sentido, a utilização do método indutivo no estudo bíblico, baseado em perguntas e respostas, suscita nos participantes de um pequeno grupo o desejo de conhecer as verdades bíblicas com maior interesse e dedicação”.

Ao invés do estilo de estudo dedutivo (onde a ideia central é anunciada e depois comprovada e desdobrada) o estudo indutivo é realizado por meio de um processo de construção que envolve perguntas bem feitas e que levam os membros do PG a lidar com a

questão: como estou vivendo essa realidade apresentada pela Escritura? Qual os motivos pelos quais não estou conseguindo viver e aplicar essas verdades em minha vida, seja nos relacionamentos, no trabalho ou nos estudos?

A grande diferença entre o ensino da Escritura no grande grupo e o momento de compartilhar está justamente nesse ponto: no púlpito o pregador oferece basicamente respostas (que podem ou não ter sido precedido por perguntas), mas no PG o Líder oferece perguntas e um espaço para que todos possam respondê-las a partir de sua própria experiência e vivência.

Nesse sentido, quando um membro do PG está com a palavra, não existe “nós” mas “eu”. O ponto é o que o texto bíblico está falando a mim, qual a experiência que eu tenho com aquele princípio, como eu me comprometerei com determinada prática ou como responderei ao desafio da Escritura. Neste momento é necessário um “santo egoísmo”, pois quando nos escondemos estamos fugindo do desafio do PG que é abrimos nosso coração, falar de mim, me apresentar para um momento franco de rendição e entrega no solo sagrado do Pequeno Grupo.

O Compartilhar se torna um momento de estudo indutivo, pois dessa forma, “através do estudo bíblico indutivo, os participantes podem descobrir a verdade pessoalmente, em vez de ouvi-la de alguém, o que dá maior significado e incentiva o estudo pessoal da Bíblia”.

Logo, o papel do Líder é estimular esse processo de compartilhamento para que seja pessoal, prático, específico, sem rodeios e o mais claro possível. Por isso mesmo “um bom moderador sabe fazer boas perguntas”. Dill Donahue exemplifica da seguinte maneira:

Uma sessão de aplicação que simplesmente pergunta “Como isso se aplicaria a sua vida?” é fraca. No entanto, se o escritor faz perguntas como Está claro nesta passagem que precisamos compartilhar a nossa fé com outros. Sabemos como fazer e que isso agradará a Deus. Mas vamos discutir por que é tão difícil para nós iniciarmos uma conversa sobre assuntos espirituais com descrentes. Existem medos ou outras barreiras que você encontra para comunicar o Evangelho? Como se sente quando se depara falando com um descrente sobre Jesus?’. Essas perguntas tocarão nos motivos, pensamentos, sentimentos e necessidades das pessoas. Somente então poderemos realmente encorajar e orar uns pelos outros.

É papel do Líder do PG insistir que os membros, no Compartilhar, evitem qualquer abordagem a partir do “nós” e que na medida do possível se mantenha distância de discussões teológicas e conceituais. O Compartilhar deve se manter pessoal, específico e prático.

Uma decisão que é imprescindível para o ensino do PG é sobre o tema que será abordado no encontro. Há diferentes propostas que vão desde revisitar o tema do sermão dominical até a possibilidade de cada líder definir o tema tendo em vista as necessidades de seu próprio grupo. Há ainda a possibilidade de utilizar materiais (revistas, livros, etc) já prontos para a utilização no PG.

Precisamos considerar apenas alguns prós e contras. Cruz e Ramos compartilham sua perspectiva da seguinte maneira: “Acreditamos que o estudo bíblico se torna mais eficiente e participativo quando o líder do grupo se responsabiliza tanto por sua elaboração

como por sua aplicação, o que não afeta o acompanhamento e a supervisão do pastor da igreja”.

Cruz e Ramos creem que a melhor alternativa é que o líder seja livre e responsável por escolher o tema e realizar o estudo no PG. Na perspectiva dos autores “quando o líder do grupo é responsabilizado pela elaboração e aplicação do estudo, ele cresce na percepção das necessidades dos demais integrantes. Logo, uma vez identificadas tais necessidades, o líder, sob a direção do Espírito Santo, seleciona o assunto a ser discutido no encontro e o texto bíblico que centralize tal assunto”.

No entanto, muitas lideranças consideram que a excessiva pulverização dos temas dentro dos PG's acabam por criar uma diversidade sem unidade, de maneira que não há sinergia entre o PG e as demais esferas de ensino da igreja, especialmente em sua relação com o ensino em grande grupo.

Neste sentido, também é uma decisão estrategicamente viável que o estudo do PG seja uma reverberação do ensino dominical, pois o tema que foi tratado de maneira dedutiva poderá agora ser viabilizado em forma de perguntas as pessoas que o ouviram permitindo a elas revisitar os conteúdos, fixando-os, tanto quanto dialogar com esses conteúdos para uma aplicação pessoal, dilatando-os.

Nesse viés, é possível que o líder desenvolva algum estudo relacionado com o sermão dominical ou receba e aplique um esboço fornecido pela liderança. O importante é sempre ressaltar que essa escolha se mostra bastante estratégica pois libera o líder de investir um tempo considerável em prover um estudo bíblico para o seu PG, algo que pode consumir um tempo excessivo dependendo do nível de conhecimento bíblico e de competências de comunicação do líder. Dessa forma, o líder pode investir mais tempo e energia no cuidado dos

membros do PG e ainda manter um equilíbrio em sua vida pessoal tendo em vista seus demais papéis como marido/esposa, pai/mãe, profissional, estudante e etc.

É importante ressaltar que no caso da utilização do material enviado pela liderança da igreja ao líder do PG para orientar o encontro, algumas dicas se fazem necessárias para não se cair em algumas armadilhas. Vamos a algumas dicas bastante relevantes de Donahue.

Primeiro, “*nunca substitua a Bíblia pelo material*”. Segundo, o material deve estimular a interação e o compartilhar: “muitos estudos em grupos pequenos são desenvolvidos para a compreensão da Bíblia e não para a construção de relacionamentos ou geração de um profundo senso de comunidade e carinho”.

Ao escolher o material “preste atenção não apenas as perguntas mas também aos processos. O material permite muita interação as pessoas? Traz perguntas pessoais que desafiam os membros a compartilharem suas vidas? É cheio de perguntas do tipo ‘o que’, que geralmente ignoram perguntas pessoais do tipo ‘por que’?”.

Terceiro, “não entregue a direção do grupo ao material. O material de estudo nunca deve determinar o rumo de um grupo”. Uma vez escolhido o material, no momento de sua aplicação “lembre-se que não é você que deve servir ao material e sim o contrário”.

Logo, nossa opção a respeito do Compartilhar é que o mesmo seja uma continuação da reflexão do grande grupo, com a utilização de um material que tenha de duas a três perguntas referentes à questão de como aplicar em nossa vida diária, os conteúdos desenvolvidos no sermão dominical. Isto cria sinergia no ensino da comunidade, não sobrecarrega os líderes, abre espaço para fixação e expansão dos conteúdos já ensinados, abre espaço na agenda do líder para a prática

do cuidado e reafirma a unidade básica e essencial entre o Grande Grupo e o Pequeno Grupo.

A Oração

O encerramento do encontro possui alguns pequenos elementos mas que somados amarram tudo o que foi feito e compartilhado anteriormente. Revisitando a missão do PG, vemos que o PG tem tanto o objetivo de construir relacionamentos quanto de compartilhar o Evangelho com aqueles que ainda não conhecem o Senhor Jesus.

A oração uns pelos outros é o ponto mais participativo espiritual e nos leva a estarmos juntos, em concordância com os pedidos e anseios de cada um do grupo. O encerramento com oração uns pelos outros e comendo ao redor da mesa é uma vivência maravilhosa do Evangelho, por meio do qual fomos reconciliados em um só corpo, no corpo de Cristo. Jesus, que nos ensinou a orar dizendo “Pai nosso”, nos ensinou também a orar dizendo “pão nosso”, de tal maneira que a mesa se tornou um símbolo importantíssimo para a fé cristã.

A refeição não deve ser encarada como mero tempo de gastronomia ou recomposição das energias, mas como a vivência prática das verdades ali apresentadas e oportunidade para construir e estreitar relacionamentos, com a conversa informal e um período agradável de intimidade.

Dessa forma, o encerramento do encontro nos proporciona sempre um retorno a missão do PG: construir relacionamentos íntimos entre as pessoas e engajar os de fora no ambiente de cuidado e aceitação do PG, apresentando-os a mensagem maravilhosa do que o Senhor Jesus fez por elas.

Conselhos para conduzir o Encontro

Ao final dessa seção, preparamos uma compilação de uma série de conselhos práticos para que os líderes possam conduzir o encontro do PG de maneira a proporcionar um aproveitamento máximo para o mesmo.

Primeiro, mantenha a reunião simples, objetiva e sintética, ocupando o espaço médio de uma hora do quebra-gelo até o momento final das orações. Para que o encontro possa estar na agenda da maioria das pessoas o mesmo precisa se mostrar como uma opção sustentável, e para isso não pode ocupar um período de tempo maior do que uma hora. Lembre-se: não é a quantidade de tempo do encontro que o faz abençoador, mas a qualidade com a qual o tempo é utilizado. Dessa forma, cuide da pontualidade com esmero, de maneira que o encontro comece e termine no horário combinado.

Segundo, é necessário enfatizar a necessidade de preparo e atitude, seja convidando as pessoas com antecedência para o encontro, convidando pessoas novas ou preparando com tranquilidade o tema, o quebra-gelo e as perguntas que serão trabalhadas no PG, além de planejar quais cânticos serão ministrados e como isso será feito. Se o PG tiver a presença de um músico isso facilitará o momento de Louvor e Adoração. Do contrário, outras formas que utilizam a tecnologia e a criatividade suprirão o momento desde que haja previsão e planejamento.

Terceiro, organize o espaço físico de maneira a criar um ambiente que favoreça o compartilhamento, de maneira que todos possam se ver enquanto participam do encontro. Obviamente, a forma circular da disposição das cadeiras deve ser preferida.

Quarto, lembre-se sempre que a proposta do momento de compartilhamento não é fazer um sermão, seja por parte do líder ou de qualquer membro do PG. Todos devem compreender a filosofia do PG no tocante a esse momento, de forma que a manter em mente que o alvo não é adquirirmos novas informações mas aprofundar os relacionamentos e abrir o coração.

Quinto, “evite criticar outras religiões e seitas ou evangelizar alguém a força”. Este é um conselho especialmente relevante quando se convida pessoas de outra religião para estar no PG. Devemos confiar que o Espírito de Deus é quem faz o trabalho profundo de ministrar o Evangelho ao coração das pessoas. Nosso papel é apenas plantar.

Sexto, os líderes e os membros devem compreender que os líderes estão ali para apoiar e cuidar dos membros e não apenas gerenciar o encontro. É importante que haja momentos pós-encontro nos quais os líderes possam encontrar e fortalecer membros que precisam de cuidados especiais e manter a liderança da comunidade informada de necessidades especiais. Para que o líder possa contatar membros ausentes, é necessário uma lista de presença através do qual o mesmo possa manter o registro de telefones e outras formas de contato e a presença dos membros.

Sétimo, o líder deve desde o início delegar atividades e responsabilidades ao co-líder, a fim de que o mesmo possa ir desenvolvendo suas habilidades e demonstrando comprometimento.

Por fim, os líderes são responsáveis por nutrir e incentivar o grupo a olhar para fora, não permitindo que o PG se torne um grupo voltado para si mesmo e exclusivista. O líder precisa traduzir isso sendo ele mesmo um dos principais elementos do grupo a convidar outras pessoas para se unirem ao PG e na intercessão por essas pessoas.

4. Multiplicando o Pequeno Grupo

A fase de multiplicação é como um parto: as dores de dar a luz se misturam a alegria de dar a luz em um encontro de sentimentos diversos e complexos. Para que a multiplicação não venha se tornar um momento traumático para a vida do Pequeno Grupo, é preciso elaborar com amor e cuidado esse momento para que as pessoas possam interpretá-lo da maneira correta e assim compreender que, embora com um certo sofrimento por perder a comunhão de alguns irmãos queridos, o Pequeno Grupo precisa de fato se multiplicar ou se deteriorará em um tipo de grupo voltado para si mesmo.

Multiplicar a vida

O Pequeno Grupo é orientado por seu senso de missão: cultivar um ambiente de relacionamentos informais, profundos, íntimos, no qual possamos nos conectar a Deus, nos conectar ao outro e conectar pessoas ao Evangelho. Obviamente o Pequeno Grupo, sobretudo o IDE, tem uma visão evangelística pois deseja conectar pessoas ao Evangelho e, portanto cresce com a chegada de novos membros.

Dessa forma, o crescimento do PG pode vir a matá-lo se não houver uma estratégia para multiplicação.

Neighbour deixa claro que uma das grandes marcas do PG é a qualidade dos relacionamentos e das interações. Contudo, quando o PG cresce acima de 10-15 membros, os momentos do encontro já não podem ser desfrutados e aprofundados como seriam com 10 membros, pois encontrar o equilíbrio entre a profundidade e o uso do tempo se mostrará uma equação difícil de resolver.

Se o Líder resolver fazer com que o encontro ainda cubra o mesmo espaço de tempo que antes, terá de conduzir as interações de maneira mais sucinta e específica, diminuindo assim a profundidade e voltando a estabelecer uma dinâmica de grande grupo. Se a profundidade for preservada, o tempo do encontro se alongará consideravelmente, impactando na sustentabilidade da manutenção da frequência nos encontros para muitos membros. Outro aspecto é que o líder não conseguirá cuidar de todos da maneira como deveria e novamente um valor central do PG seria comprometido.

Dessa forma, os líderes precisam saber e compreender que “se deixarem o grupo crescer acima de 15 membros, isto será uma maneira de matá-lo”.

Por isso, é papel do líder preparar o grupo para a multiplicação desde o instante de seu nascimento, como afirma Donahue:

Lance a visão do nascimento desde o início do grupo. Prepare o aprendiz para a liderança de um grupo. Ajude o grupo a entender que o propósito de cada um é dar vida a outros grupos. Ajude o grupo a ter como alvo aquelas pessoas que ainda não fazem parte de uma comunidade cristã.

Algumas pessoas podem se referir a multiplicação como divisão e nesse aspecto a terminologia a ser utilizada é importante: “nascimento é o termo que usamos para o processo de multiplicação de grupos. A analogia do nascimento é apropriada, já que inclui dor, separação e um pouco de tristeza por aquilo que se foi, mas também lembra celebração, alegria e um senso de agradecimento pela nova vida e pelo objetivo alcançado”.

As pessoas devem compreender que a multiplicação é o caminho para se expandir a bênção dos Pequenos Grupos a outras pessoas como também para preservar a saúde dos Pequenos Grupos, como ressalta Silva.

[O Pequeno Grupo] não pode ter aquele tipo de comunhão tão intimista, que o torna exclusivista. Nem ser tão fechado que um novo convertido não seja bem-vindo para não atrapalhar a comunhão. Devemos ter cuidado para não transformar o corpo em corporação e a koinonia em 'koinonite'.

A questão não é o nível de comunhão, mas a visão de que a comunhão íntima não deve ser um fim em si mesma, senão um fim que deve se aliar a outro: conectar pessoas ao Evangelho de Jesus Cristo. Se a comunhão entre os crentes não possibilita e facilita o evangelismo e a inclusão do outro, especialmente do não cristão, devemos chegar a conclusão de que essa comunhão é exclusivista e portanto não é cristã no sentido de que rompe com o mandato missional do Senhor Jesus Cristo.

Por fim, a multiplicação também resguarda o PG de romper com seus valores centrais ao tornar sua interação uma interação típica do grande grupo, especialmente no que tange seu valor central: o cuidado.

Sampaio nos lembra de que “quando no pequeno grupo o número atinge de dez a quinze membros, ele tende a se multiplicar, facilitando novamente a prática do cuidado”. Ao se multiplicar, o PG está multiplicando sua liderança e multiplicando o cuidado sobre os membros, expandindo e fortalecendo a cadeia de cuidado mútuo ao longo de toda a comunidade.

A Multiplicação é uma das leis fundamentais do universo. Galáxias, animais, plantas, tudo se multiplica. O primeiro mandamento de Deus ao homem foi para crescer e multiplicar-se.

Há custos envolvidos na multiplicação, mais trabalho, mais problemas, porém, mais frutos, mais retorno e mais alegria.

Como multiplicar

Uma vez que a liderança compreende a mentalidade da multiplicação, deve aplicar alguns métodos simples mas efetivos para sua multiplicação. O PG alcança novos membros convidando membros da igreja que ainda não estão engajados em um PG (especialmente, mas não unicamente para os PG's ATOS) e convidando pessoas de fora da igreja para visitarem o PG (especialmente, mas não unicamente para os PG's IDE).

Quando falamos de “pessoas de fora da igreja” estamos falando de diversos tipos de pessoas: cristãos que estão sem engajamento em nenhuma comunidade cristã (por estarem frustrados ou simplesmente por que devido a uma série de circunstâncias ainda não se engajaram), pessoas de outras religiões que se interessam pelo Evangelho, pessoa sem qualquer religião, etc.

O importante é compreendermos que o PG deve ser um espaço para todas as pessoas e que não podemos nos deixar abater pela timidez: podemos e vamos convidar pessoas para estar conosco pois um dia nós (ou nossos antepassados no caso de sermos filhos de um lar cristão) fomos alvos de um convite e isso mudou nossa história. Por que negar aos outros aquilo que recebemos?

Todavia, é importante lembrar que os relacionamentos precisam de tempo para se ajustar e aprofundar no PG, então é preciso ter cuidado para não se adicionar novos membros em grande número e

depressa demais: “Deixe que o grupo assimile os novos membros e que cresçam juntos por um tempo antes de acrescentar mais alguém”. Se o ímpeto para crescer em número for muito grande e o aspecto qualitativo for deixado de lado, o PG poderá perder sua atmosfera de profundidade de intimidade.

É importante ressaltar que a imposição de um prazo de tempo para a multiplicação do PG pode soar artificial e desleal com os propósitos orgânicos da comunhão cristã. Donahue destaca este aspecto:

Os grupos nascem em velocidades diferentes. A chave para o nascimento não é o número de reuniões, mas sim a preparação do líder aprendiz. Os grupos estão prontos para nascer quando os aprendizes estão prontos para liderar e já identificaram um novo aprendiz para si. Em média, um grupo típico deve nascer a cada 12-18 meses. Mas o nascimento variará de acordo com o ministério e com o grupo, dependendo da frequência de reuniões do grupo, da prontidão do aprendiz e da natureza do aprendiz. (DONAHUE, 2002, p.167).

O ponto destacado por Donahue tem dupla importância: cada grupo se multiplica em seu próprio tempo e o fator crítico para multiplicação é liderança. Basicamente podemos afirmar que multiplicar os PG's é multiplicar liderança, pois se o grupo cresceu e não há um time de liderança a multiplicação foi comprometida.

Desde o início do PG o Líder precisa encarar com seriedade a tarefa de treinar, capacitar, supervisionar, discipular e amar seu co-líder, pois amá-lo é o mesmo que amar o PG que nascerá e será por ele liderado.

5. Conclusão

Em tempos de solidão, superficialidade e igrejas orientadas por eventos e números, sonhamos com um lugar onde possamos ter uma estrutura que sirva aos relacionamentos e que esses relacionamentos sejam pessoais, sinceros, íntimos, baseados em amor e provedores de cuidado.

Esperamos que o PG seja uma resposta a esse desejo e que você, futuro líder de um Pequeno Grupo, possa compreender a visão do PG e senti-la arder em seu coração.

Esta apostila termina aqui, mas o treinamento é contínuo, diário e eterno. As experiências e o aprendizado continuam enquanto Jesus não voltar. Cremos que muitos liderados serão gerados e lançados aos campos, para a glória de Deus e terror do inimigo.

Aceite o desafio de liderar um Pequeno Grupo, será uma experiência desafiadora que exigirá tempo, dedicação, disposição, amor, paciência e, sobretudo fé. No entanto, devemos nos lembrar por que e para quem estamos fazendo o que estamos fazendo: estamos fazendo por que Jesus nos amou na cruz e nos redimiou em seu amor; estamos fazendo para Jesus, para o Amado, pois sabemos que depois do que Ele fez por nós não há outra maneira de se viver que faça sentido a não em gratidão a Ele.

Que o Senhor nos ajude a cuidar bem das Suas ovelhas. Que Deus nos ajude a negociar bem com os talentos colocados em nossas mãos para concluir o sonho de Deus e cumprir o seu IDE.

Vá em frente. O Senhor é contigo.

Referências

CHO, Paul Yonggi. *Grupos familiares e o crescimento da igreja*. São Paulo: Editora Vida, 1985, 192p.

CRUZ, Valberto da; RAMOS, Fabiana. *Pequenos Grupos: para a igreja crescer integralmente*. Viçosa: Ultimato, 2007, 108p.

DONAHUE, Bill. *Liderando grupos pequeno que transformam vidas*. Fortaleza: Ekklesia, 2002, 190p.

KORNFIELDD, David; ARAÚJO, Gedimar de. *Implantando Grupos Familiares – 3ª Edição*. São Paulo: Sepal, 2002, 164p.

NEIGHBOUR, Ralph W. Jr. *Manual do Líder de Célula*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2007, 256p.

SAMPAIO, Carlos Augusto Loureiro. *Pequenos Grupos, Grandes Desafios – Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)*, 2011, 159p.

SILVA, Aluízio A. *Manual da Visão de Células*. Goiânia: VINHA Editora, 2008, 190p

Material compilado de publicações encontradas no site da PIB Curitiba (www.pibcuritiba.org.br/) e IP Barreto (<http://ipbarreto.org.br/>)



COMBC

COMUNIDADE BATISTA CRISTA

WWW.COMBC.COM.BR

DIARIAMENTE PERSEVERAVAM
UNÂNIMES **NO TEMPLO** E
NO PARTIR DO PÃO
DE **CASA EM CASA**

|ATOS**4:46**|

